

Afirmativa

plural

ANO 7 • Nº 36 • AFROBRAS, SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE



Coração de estudante

A woman with dark hair, wearing a red hoodie, is leaning against the side of a light-colored car. She is smiling and holding a large, open folder or binder in her hands. The scene is set outdoors, possibly near a beach, with a clear sky and some distant land in the background. The lighting suggests it might be late afternoon or early evening.

A Presença em 100% dos municípios no Brasil leva em consideração o Banco Postal.

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiente Auditivo ou de Fala: 0800 722 0099
Ovidoria: 0800 727 9933

bradesco.com.br

PARA FACILITAR A VIDA,
UM BANCO TEM
QUE TER PRESENÇA.
**DE PREFERÊNCIA, EM
100% DOS MUNICÍPIOS
BRASILEIROS.**

Prefira a PRESENÇA do Bradesco. Abra sua conta.

- **49.154** Pontos de Atendimento • **3.476** Agências e **4.372** Postos de Atendimento
- **23.190** Pontos Bradesco Expresso • **6.177** Agências do Banco Postal
- **39.766** Máquinas de Autoatendimento

Fonte: Database em 30/6/2010.

NEOGAMA/BBH



Bradesco

Entrevista Especial	
Ministro Miguel Jorge	8
Prof. Arnaldo Batista dos Santos	12
Especial	
Lançamento Troféu Raça Negra 2010	16
Capa	
Harmonia perfeita – Milton Nascimento	24
Cidadania	
Várias nações, vários Zumbis.....	42
Vamos festejar! É dia de Zumbi – Martinho da Vila	52
A Unip homenageia Zumbi – Prof. Dr. Jôao Carlos Di Genio	56
Identidade nacional – Ruy Martins Altenfelder Silva	58
A consciência do ser negro – Marcelo Cândido	60
O novo Quilombo de Zumbi – Dr. Hélio Silva Júnior	62
A consciência negra está na essência de nosso país – Aldemir Bendine	66
Perfil	
Descendo o morro – Marcello Melo	68
Educação	
Pelé idealiza programa de educação	70
Turismo	
Revéillon das mil e uma noites	74
Comportamento	
O cárcere feminino é negro – Ana Luiza Biazeto	70
A (re)invenção do negro movimentando a história – Flávia Virgínia	80
Empreendedorismo	
Cara e profissionalismo	82
Saúde	
Unidos pelo sangue	84
Plural	
O pesadelo dos ciganos na Europa – Bruno Konder Comparato	88
Opinião	
Mais uma chance perdida? – Rosenildo Gomes Ferreira ...	92
Afirmativo	
Dia da consciência negra – Maria Fernanda Ramos Coelho	94
Preto e Branco	
Seu Nenê	98

Índice

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmes Ltda., CNPJ nº 08.643.988/0001-52. Com periodicidade bimestral. Ano 7, Número 36 - Av. Santos Dumont, 843 - Bairro Ponte Pequena - São Paulo/SP - Brasil - CEP 01101-080 - Tel. (55 - 11) 3229-4590. www.afrobras.org.br

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente • Francisca Rodrigues • Ruth Lopes • Cristina Jorge • Nanci Valadares de Carvalho • Humberto Adami • Sônia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (Mtb.14.845 - francisca@afrobras.org.br).

FOTOGRAFIA: J. C. Santos e Divulgação.

COLABORADORES: Rosenildo Gomes Ferreira (rosenildo.ferreira@gmail.com), Daniela Gomes e Eliane Almeida.

REDAÇÃO: Rejane Romano (Mtb. 39.913) - rejane@afrobras.org.br.

ASSINATURA E ANÚNCIOS: Rejane Romano (rejane@afrobras.org.br) Tel. (11) 3229-4590.

PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação Tel. (11) 3229-4590.

CAPA: Leonardo Aversa - Ag. O Globo RS

EDITORIAÇÃO: Alvo Propaganda e Marketing (revistas@alvopm.com.br).

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Vox Editora.

Mês da Consciência Negra

Esta edição da **Afirmativa Plural** chega às mãos de seus leitores exatamente no mês da Consciência Negra, quando comemoramos o nosso Herói Zumbi dos Palmares. Chefe guerreiro assassinado no dia 20 de novembro de 1695, Zumbi tornou-se símbolo das lutas dos negros por dignidade e igualdade, conforme consta na biografia exibida no Panteão dos Heróis Nacionais.

Este é um período de reflexão, onde fazemos um levantamento de nossas conquistas e do que ainda falta para alcançarmos. “Como nossos ancestrais que lutaram pela liberdade, hoje os negros lutam pela cidadania plena”, diz o Prefeito de Suzano, município paulista, Marcelo Cândido, em seu artigo.

E é a mais pura verdade. Continuamos lutando contra o preconceito, mas agora queremos mais. Queremos todos os nossos direitos, resgatando nossa cidadania brasileira.

contra os ciganos, quanto à proibição da burca, difere muito do conceito dos princípios universais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” utilizados na Revolução Francesa.

Aqui no Brasil, dando mais um passo visando a inclusão dos negros no mercado de trabalho, mas principalmente, de torná-los também empreendedores, donos do seu próprio negócio, a Faculdade Zumbi dos Palmares presenteia seus alunos e a população negra em geral, com um núcleo da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos – Apex Brasil, dentro do campus da Zumbi. Trata-se do Núcleo de Negócios Afroétnicos, integrante do Projeto de Extensão Industrial Exportadora – PEIEX. O objetivo de mais este trabalho de responsabilidade social da Zumbi, é capacitar os alunos e os empresários negros a exportar seus produtos. A Faculdade Zumbi dos Palmares

Mas o preconceito, infelizmente, faz parte do homem. Hoje, pleno século 21, a Europa está perseguindo, por razões étnicas, o povo cigano, sob a justificativa de combate à criminalidade. E o pior ataque vem justamente da França, berço da democracia e da liberdade entre os povos. Para especialistas essa expulsão pode ser comparada à perseguição contra judeus e escravidão dos negros.

Outro ponto no qual a França tem se interpõsto e por puro preconceito é quanto à proibição do véu integral em espaços públicos, as pessoas não poderão sair às ruas vestidas com a burca ou o niqab. O texto, que causou polêmica no país - que tem uma das maiores comunidades muçulmanas da Europa, já foi aprovado pelo Senado e pela Câmara dos Deputados e agora deve virar lei e entrar em vigor em 2011.

Seja qual for o tipo, o véu é visto pela mulher muçulmana como uma demonstração de respeito a Deus e ao islamismo. Sua proibição nas ruas não levará as mulheres a deixar de usá-lo e sim de circular apenas nos espaços públicos, ou seja, excluindo-as.

Tal postura do governo francês, tanto

é a única instituição de ensino privado a ter um núcleo PEIEX dentro de seu campus. E para falar deste assunto, trazemos uma entrevista exclusiva com o Ministro Miguel Jorge, da Indústria, Comércio e Desenvolvimento.

E neste mês acontece o Troféu Raça Negra 2010, em sua oitava edição e que este ano celebra um dos maiores ícones da música popular brasileira, Milton Nascimento, que finalmente atendeu nosso convite e participa deste, que é considerado o Oscar da comunidade negra. Buscamos um pouco da sua trajetória de vida e de profissão, com detalhes que todos nós gostaríamos de saber.

É através deste trabalho da Afrobras e da Zumbi dos Palmares, que forjaremos novos profissionais negros, à exemplo dos muitos que já temos, para transformar nossa sociedade mais justa e igualitária, “condição para que nosso País avance no processo democrático e no respeito a quem também construiu e continua a construir esta Nação”.

Sem Educação, não há Liberdade!

Boa leitura a todos!

*Francisca Rodrigues
Editora Executiva.*

ditorial

A gente olha para o nosso futuro e enxerga o seu.

Criar novas oportunidades é dar chance para o sucesso. O seu sucesso e o nosso. Por isso, criamos o Programa Estágio para Negros, uma forma de ampliar oportunidades e desenvolver talentos. Para fazer o maior e melhor banco do mundo, buscamos pessoas que sonham grande, com brilho nos olhos e paixão pela performance. Se você é feito disso, é muito parecido com a gente.

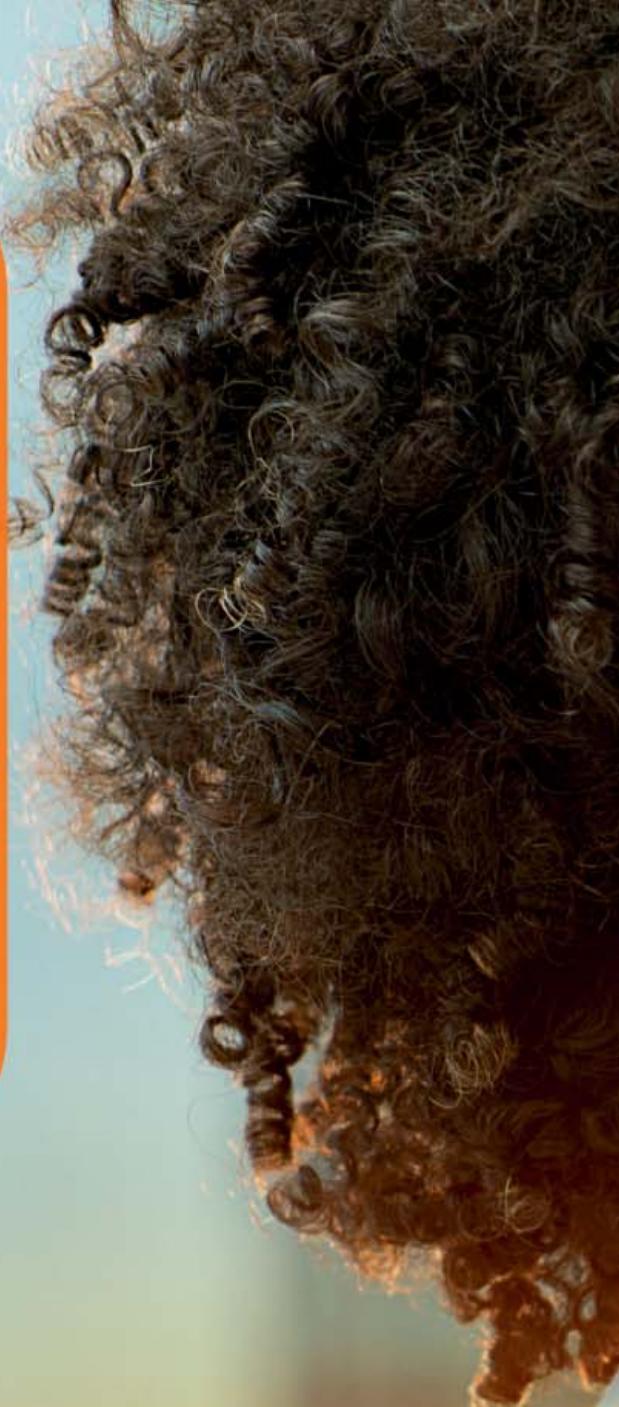
Inscreva-se: Trabalhe no Itaú > Oportunidades de Carreira > Programa Estágio para Negros

Pré-requisitos: estar cursando o antepenúltimo ou penúltimo ano da graduação.

programa
estágio
para negros
Itaú 2011

**Feito para você ser
tudo o que pode ser.**

Itaú



A close-up, slightly angled portrait of a woman with a warm, golden-toned skin. She has dark, curly hair and is smiling broadly, showing her white teeth. Her eyes are looking slightly to the right. She is wearing a yellow button-down shirt. The background is a soft, out-of-focus gradient of yellow and orange, suggesting a sunset or sunrise. The overall mood is positive and uplifting.

Do que você é feito?

negócios afroétnicos

Por Francisca Rodrigues, editora executiva

“O Núcleo de Negócios Afroétnicos Zumbi dos Palmares, um projeto da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos – Apex Brasil, dentro do campus da Faculdade Zumbi dos Palmares, é importantíssimo e a possibilidade da Apex treinar os micro e pequenos empresários negros gerará uma maior inserção do empreendedor que, além de adquirir *know how*, puxará o crescimento da sua comunidade e do seu entorno, contribuindo para a inserção destes no mercado de consumo e melhorando a qualidade de vida de muitos”.

A análise é do Ministro da Indústria, Comércio e Desenvolvimento, Miguel Jorge, em entrevista exclusiva à Afirmativa Plural, em seu escritório, em São Paulo. Segundo o ministro, o início desse trabalho em

conjunto (Zumbi e Apex) “é muito gratificante, pois é resultado de muita discussão e encontros para debater o próprio conceito da parceria, uma vez que é algo absolutamente novo para o governo e para a faculdade”. É a única instituição de ensino privada a ter um núcleo da Apex dentro do seu campus.

Exatamente no dia em que o ministro concedia esta entrevista (15 de outubro), a Apex-Brasil recebeu, na Cidade do México, o prêmio de melhor agência de promoção comercial do mundo, entre os países em desenvolvimento. O prêmio TPO Network Awards foi concedido pelo International Trade Centre (ITC), agência da Organização das Nações Unidas responsável por ajudar países a alcançar desenvolvimento humano por meio de exportações.

A Apex-Brasil concorreu com 11 países em uma primeira etapa, e com Omã, Emirados Árabes Unidos, Malásia e Armênia na etapa final. A agência brasileira foi a grande vencedora por ter apresentado um programa único de capacitação de pequenas e médias empresas para a exportação, que lhes dá competitividade e as leva à internacionalização.

A Agência conquistou o prêmio apresentando o Programa Extensão Industrial Exportadora (PEIEX), que capacita 5,3 mil micros, pequenas e médias empresas para a exportação e já apresenta vários casos de sucesso. O projeto consiste em disponibilizar para empresas, por meio de parcerias com universidades e com institutos de pesquisa, o trabalho de especialistas, que



Miguel Jorge, ministro

diagnosticam os principais problemas da empresa e sugerem medidas para que ela possa realizar exportações de modo mais eficiente.

“Isto é o grande diferencial que terão os empresários negros, pois uma empresa exportadora é mais inovadora que a média das outras e paga melhores salários para uma mão-de-obra mais qualificada, ou seja, é um processo de crescimento contínuo e estes empreendedores terão um treinamento que nunca tiveram oportunidade de obter”, avalia o ministro. Ele disse esperar que esses pequenos empreendedores negros que sairão da Zumbi dos Palmares e da sua comunidade do entorno, participem das missões comerciais, principalmente aos países da África, que tem um mercado natural e muita carência de produtos diversos. “O empreendedor afro tem por si só, uma proximidade maior e facilidade de se inserir nesse mercado e estando organizado, levará grande vantagem”, observa Miguel Jorge.

Os africanos recebem os empreendedores brasileiros de braços abertos e reconhecem as relações históricas e culturais existentes entre nós. “É muito frustrante perceber que 99% dos empresários que participam das nossas missões comerciais para os países africanos são brancos, o que não acontece com uma missão que vai para o Oriente Médio, por exemplo. E isto facilita em muito, a abertura e o fechamento de negócios”, afirma o ministro.

Pela experiência que o Brasil tem tido na África, diz Miguel Jorge, qualquer tipo de produto tem mercado e o pequeno empreendedor

tem uma via de mão dupla quando estiver em contato com os africanos. Eles terão a oportunidade de exportar seu produto, mas também de importar os produtos africanos, como tecidos e o processo de tingimento com as cores que fazem muito sucesso aqui no Brasil.

“Sabemos que dificilmente produtos de micro e pequenos empresários farão parte da balança comercial brasileira, mas cada produto faz parte de um trabalho de

inserção e isso é o que conta institucionalmente para o Brasil”, ressalta o ministro. Segundo ele, os micro e pequenos têm outras oportunidades de exportar seus produtos através das grandes empresas, sendo fornecedores lá. Para isso, é necessário ter treinamento e acesso as informações corretas e é justamente essa oportunidade que será oferecida pelo Núcleo de Negócios Afroétnicos da Zumbi dos Palmares – Apex. ■





Rentabilidade e segurança para todos os perfis de investidores.

O Safra oferece uma linha completa de fundos de investimento, desde os arrojados aos mais conservadores.

São fundos DI, Renda Fixa, Multimercados e de Ações, desenvolvidos para atender às diferentes necessidades de cada cliente, sempre combinando rentabilidade e segurança, para você ficar tranquilo na hora de investir o seu dinheiro.

Invista nos fundos Safra e conte com a expertise de um dos maiores administradores de recursos do país.

Fale com um de nossos gerentes.

Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234

Atendimento personalizado de segunda a sexta-feira, das 9h às 19h, exceto feriados.

www.safra.com.br



Banco Safra

Tradição Secular de Segurança



A presente instituição aderiu ao Código ANBIMA de Regulação e Melhores Práticas para os Fundos de Investimento.

FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM A GARANTIA DO ADMINISTRADOR DO FUNDO, DO GESTOR DA CARTEIRA, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU, AINDA, DO FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITOS — FGC. A RENTABILIDADE OBTIDA NO PASSADO NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. É RECOMENDADA A LEITURA CUIDADOSA DO PROSPECTO E DO REGULAMENTO DO FUNDO DE INVESTIMENTO PELO INVESTIDOR AO APLICAR SEUS RECURSOS. SAC — SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: 0800 772 5755 — ATENDIMENTO 24 HORAS POR DIA, 7 DIAS POR SEMANA, OUVIDORIA — CASO JÁ TENHA RECORRIDO AO SAC E NÃO ESTEJA SATISFEITO(A): 0800 770 1236, DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA, DAS 9H ÀS 18H, EXCETO FERIADOS.

Zumbi e Apex juntas

Por Rejane Romano, da Redação

Faculdade é a primeira instituição de ensino superior privada a ter um Núcleo da Apex em seu campus e capacitará empresários negros para exportar seus produtos

“Escolha uma profissão que ame e não terá que trabalhar nem um dia da tua vida.” Esta é uma máxima dita pelo filósofo Confúcio que traduz perfeitamente as expressões e o pensamento do Professor e Consultor Administrativo, Arnaldo Batista dos Santos, que irá coordenar um projeto da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos – Apex Brasil, dentro do campus da Faculdade Zumbi dos Palmares, em São Paulo. Trata-se do Núcleo de Negócios Afroétnicos Zumbi dos Palmares, integrante do Projeto de Extensão Industrial Exportadora – PEIEX.

A Apex-Brasil por ter como objetivo o trabalho para promover as exportações de produtos e serviços brasileiros, apoiar a internacionalização das empresas e atrair investimentos estrangeiros para o país, o Núcleo dentro da Zumbi atuará em duas situações, tanto contribuir para que alunos da instituição sejam estagiários do Projeto, quanto trabalhar e prestar consultoria para que empresas brasileiras de negros venham a desbravar novas fronteiras no mercado estrangeiro.

Está aí o motivo para tamanha

felicidade do Professor Arnaldo por coordenar e desenvolver o Núcleo da Zumbi. Isto sem falar no orgulho que ele mesmo faz questão de reforçar, por ser a Faculdade Zumbi dos Palmares a primeira instituição de Ensino Superior Privada a fazer parte do PEIEX.

O Professor Arnaldo Batista é formado em Administração, com ênfase em Comércio Exterior, Pós graduado em Relações Internacionais, Mestre na área de Educação e Formação de Professores do Ensino Superior e já atua na área de Exportação e Importação há 20 anos. Para esclarecer sobre a participação dos alunos da Zumbi neste projeto e como as empresas poderão ser orientadas rumo a um desenvolvimento que privilegie a venda de seus produtos no exterior, a **Afirmativa Plural**, traz uma entrevista especial com o Coordenador do Núcleo.

Afirmativa Plural - *É a primeira vez que a Apex realiza este projeto numa instituição de ensino superior privada?*

Prof. Arnaldo Batista - Em São Paulo será o primeiro núcleo e sim, que isto seja reforçado. Só a Zumbi dos Palmares, como Instituição de

Ensino Superior privada tem este núcleo até o momento.

Afirmativa Plural - *Como será realizado o trabalho dentro da Faculdade Zumbi dos Palmares?*

Prof. Arnaldo Batista - Nós temos dois estagiários, alunos da faculdade que poderão colocar em prática o aprendizado da sala de aula e tirar dúvidas, e 4 técnicos extensistas, que irão até as empresas falar sobre a prestação de nossos serviços de consultoria, após ter todo um respaldo de informações. Analise como o processo todo será fantástico. Eu estou apaixonado! (risos) É muito legal ver uma empresa pequena, sem incentivo, com pouca qualificação... Que depois de passar pela nossa consultoria vai entendendo todo processo e percebe que é possível.

Afirmativa Plural - *Há alguma preocupação em trabalhar inclusive a redução de custos dentro da empresa?*

Prof. Arnaldo Batista - Sim, com certeza. A qualificação passa por todo processo não só administrativo, mas produtivo também. Não iremos só detectar os problemas, mas também auxiliar na resolução do mesmo. Aí será inevitável que esta

determinada empresa tenha foco na exportação de um produto que passará a ser visualizado no mundo, sendo exportado e este processo irá gerar empregos.

Afirmativa Plural - *Com o crescimento do emprego há por consequência maior investimento também no mercado interno devido ao aumento do consumo destas pessoas que estarão empregadas?*

Prof. Arnaldo Batista - Conforme o governo incentiva a exportação com redução de impostos, que já existe, essas empresas tornam-se mais competitivas no mercado lá fora e com mais este projeto que é a PEIEX, sendo um processo gratuito, elas percebem que a hora é agora!

Afirmativa Plural - *Este trabalho com as empresas é realizado de que forma? Abrange a questão de informações sobre a documentação, legislação e até dicas de como atuar no mercado externo?*

Prof. Arnaldo Batista - O PEIEX já vem sendo realizado em vários estados brasileiros. Ele é um projeto de extensão industrial exportadora, que baseia-se no incremento de empresas para que ela se estabeleça num padrão que possibilite a exportação. E vai atuar também em outros aspectos, como o foco são pequenas e médias empresas, vai demandar no crescimento dessas empresas.

Afirmativa Plural - *E quanto ao perfil da empresas para as quais serão prestados os trabalhos de consultoria?*

Prof. Arnaldo Batista - A idéia é que estas empresas sejam de pequeno e médio porte de afrodescendentes. Para dar vez e voz a este público. O que vai acontecer de muito interessante é que nós seremos multiplicadores destas ações e as empresas não terão que pagar nada por esta consultoria.



Arnaldo Batista dos Santos

Afirmativa Plural - *Esta consultoria se estende a todos departamentos da empresa? Desde organização, até como trabalhar a marca?*

Prof. Arnaldo Batista - Exatamente, desde a matéria-prima a ser utilizada, como trabalhar o produto de forma mais industrial, o cuidado com a embalagem, os rótulos, o cuidado com a marca, com o registro...

Afirmativa Plural - *O processo de divulgação para que as empresas tomem conhecimento sobre este projeto na Zumbi se dará de que forma?*

Prof. Arnaldo Batista - A Apex em si possui o site que disponibiliza informações e direciona para o núcleo mais próximo. Mas, além disso, este é um projeto que permanece 24 horas na minha cabeça. Então durante a ter-

ceira fase do processo já irei de sala em sala da faculdade divulgando o mesmo, porque como a maioria de nossos alunos são negros, vou falar para que eles sejam multiplicadores. Às vezes um primo, o pai, a mãe, ou ele mesmo já tem um negócio ou planeja ter e poderá começar a divulgar para os demais.

Afirmativa Plural - *Em quanto tempo o Núcleo Zumbi dos Palmares estará a pleno vapor?*

Prof. Arnaldo Batista - Após todo processo de seleção, treinamento... Deus queira que até o final de novembro já estejamos atuando, pois temos a meta de atender 140 empresas durante um ano. Meta que queremos extrapolar! ■



Respeite a sinalização de trânsito.



Para nós o sucesso é feito de pontos de vista diferentes.

Diversidade Mercedes-Benz.

A Mercedes-Benz acredita que diversidade é essencial em seu negócio. Não só em produtos para vários públicos, mas também nas fábricas e nos escritórios da Empresa. Isso porque para a Mercedes-Benz não importa a condição física, classe social, sexo, etnia ou religião: todos são capazes de fazer o melhor. E, levando em conta a excelência da marca, dá para notar que eles conseguem. www.mercedes-benz.com.br



Mercedes-Benz

Troféu Raça celebra Milton

Da Redação

Palmas e lágrimas. Um misto de emoção e realização. O Troféu Raça Negra chega a sua oitava edição com o mesmo congraçamento do primeiro, mas com uma sensação ímpar de que sonhos podem se tornar realidade e que uma iniciativa de reconheci-

mento e inclusão age muito além desses aspectos.

Na tarde do dia 13 de outubro, artistas, autoridades e personalidades como os atores Antonio Pitanga, Isabel Filardis, Lica de Oliveira, o atleta Robson Caetano, o cantor e ator

Tony Tornado, o cantor Jorge Aragão, o diretor de TV da Rede Globo, Luiz Antonio Pilar e o Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Sírio Darlan, entre outros, confraternizaram o gostinho de um mundo mais justo.



Da esquerda para a direita: Xica Xavier, Sandra de Sá, Eloi Araújo, Altay Veloso, José Vicente, Marco Simões e Milton Gonçalves.

Negra Nascimento

As lágrimas do início do evento para aqueles que se emocionaram ao assistir ao vídeo institucional narrando os doze anos de existência e realizações da Afrobras, deram lugar a palmas de felicidade por perceber que hoje o Troféu se re-

nova a cada ano.

Em especial nesta edição quando os olhares se voltam para o futuro. Isto porque dentre os indicados que concorrerão através do voto popular há muitos iniciantes. A nova geração que a partir de então tem a

incumbência de levar adiante a missão de continuar mostrando o poder das ações.

Já no início do evento em ritmo de festa, a mesa de trabalhos foi composta pela atriz Xica Xavier, o ministro da Seppir Eloi Araújo, o



Foto: José Assis Filho



As irmãs Jacqueline e Isabel Filardis.



Ministro da Seppir, Eloi Araújo.

“É muito bom ver todos reunidos. É bacana ver que as coisas estão se renovando. Estamos no meio do caminho. O Troféu Raça Negra conta com a presença de tantos brancos porque assim é o Brasil. Um país de negros, de brancos, índios, o rótulo é o que menos importa. Nossa cultura africana é o que faz a diferença e faz da cultura brasileira a melhor do mundo. Essa festa do Troféu é para mostrar isso, mostra quem somos.”

Sandra de Sá

ator Milton Gonçalves, o vice presidente de Comunicação e Sustentabilidade da Coca-Cola Brasil Marco Simões, a cantora Sandra de Sá, o diretor artístico desta edição do Troféu Altay Veloso e o Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, José Vicente.

A cada discurso o ponto de convergência se apresentava quanto à necessidade de uma maior representatividade negra na sociedade e a importância do reconhecimento daqueles que já têm atuado por uma sociedade mais plural.

“Quero parabenizar a Coca-Cola Brasil por receber a ‘Família Zumbi dos Palmares’ e contribuir pela inclusão. Precisamos de mais atuação, pois só temos 1 senador negro e 18 deputados negros. Então, quando a Petrobras mira na visibilidade do negro, alerta sobre a população negra ainda estar ausente nos cargos de comando. Todos nós temos o desafio de mudar esta situação de forma mais rápida, de construir um país mais justo, mais democrático. Parabéns Petrobras.”

Eloi Araújo



Pedro Maia entregou flores em homenagem aos 30 anos de carreira de Sandra de Sá.



Adelino Benedito, Altay Veloso e Jorge Aragão



especial - troféu 2010



Milton Gonçalves e Marco Simões - vice presidente de comunicação e sustentabilidade da Coca-Cola Brasil.

Da esquerda para a direita: Nill Marcondes, a diretora de comunicação da Afrobás, Francisca Rodrigues, Maria Marcondes esposa do ator e o reitor José Vicente.

Fotos: José Assis Filho

“É uma alegria estar aqui hoje, cheia de orgulho de ver pessoas que vi ainda crianças e que agora estão lutando pelo seu lugar ao sol. Conquistando seus lugares e os degraus que precisam para nos engrandecer. Nós negros precisamos disso. Beijos e bênçãos do nosso pai Oxalá para todas essas crianças.”

Xica Xavier

“Nessa nossa parceria da qual a Coca-Cola Brasil é muito feliz, aprendemos que o preconceito existe e deve ser abolido. Estou feliz de estar aqui e com essa parceria que espero que ‘frutifique’.”

Marco Simões



Artistas dançam ao som de Thulla Melo.



Sandra de Sá e Xica Xavier.



Deo Garçes e Dagama.



Artistas dançam ao som de Thulla Melo



Isabel Filardis e Mussunzinho

“Há uma semana, em letras pequenas, foi publicado nos jornais que segundo pesquisas do IBGE somos 51% da população brasileira. Isso me deixou preocupado com o José Vicente, que agora terá que abrir várias ‘Zumbis’! Apesar de sermos maioria a questão do preconceito ainda é uma muralha que só podemos derrubar através da educação e da cultura. Será que um dia teremos um presidente negro no Brasil? Será que um dia teremos ao menos 10 governadores negros? Será que um dia dos mais de 5 mil municípios brasileiros, teremos pelo menos mil prefeitos negros? Se nos Estados Unidos, com apenas 15% da população de negros conseguiram eleger Obama, por que aqui não? Teremos que passar por esta vergonha por muito tempo? Temos que dar as mãos a todos que trabalham pela inclusão.”

Milton Gonçalves



Da esquerda para a direita: Rocco Pitanga, José Vicente, Antonio Pitanga, Março Simões, Tony Tornado, Milton Gonçalves e Jorge Aragão



Thulla Melo.



Elenco da peça Orfeu.

Fotos: José Assis Filho

Quanto ao grande homenageado da 8ª edição, será o cantor Milton Nascimento, que de acordo com o consenso de todos os presentes, trata-se de uma homenagem mais do que justa.

Sandra de Sá foi homenageada ainda no lançamento recebendo flores pelos 30 anos de carreira. Emocionada a cantora disse: "São 30 anos na força, na luta superando muita coisa".

A cantora Thulla Melo deu ritmo ao evento interpretando canções que colocaram os presentes para dançar. ■

“*Estar aqui hoje tem tanto significado. Apesar do tempo ter passado, ainda hoje as coisas não estão diferentes, estão com uma nova roupagem, mas não mudaram. O que me toca é fazer algo que adoro, com pessoas tão especiais, que também já estão há muito tempo na luta. Somos agradecidos a todos parceiros, a Coca-Cola Brasil e a todos os demais que estão colaborando pela primeira vez com o Troféu Raça Negra. Vamos precisar continuar suando a camisa, mas agora com a missão de passar o nosso legado. O Troféu foi criado para reverenciar os nossos heróis e passar a mensagem de que é possível. Já passamos por um período de entregar o Troféu para pessoas repetidas. E hoje ver esta sala com tantos rostos novos é uma realização.”***”**

José Vicente



José Vicente e Lica Oliveira.

Anuncio

Trofeu

Anuncio

Trofeu

Coração de Estudante

Wagner Tiso e Milton Nascimento

*Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar
Pode estar aqui do lado
Bem mais perto que pensamos
A folha da juventude
É o nome certo desse amor*

*Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Tantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê flor e fruto*

*Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes, plantas, sentimento
Folha, coração, juventude e fê*



Harmonia perfeita

Por Adriana Proença, especial para
Afirmativa Plural

Cinquenta anos depois de gravar seu primeiro compacto, Milton Nascimento ainda preserva a contemporaneidade e a mistura de gêneros musicais

Das batidas dos tambores oriundos da cultura negra às complexas harmonias do jazz somadas com a suavidade da música popular brasileira. É com essa combinação que o dono de uma das vozes mais marcantes e inconfundíveis, tornou-se um marco no cenário musical brasileiro. Fluminense de registro e mineiro de coração, Milton Nascimento há décadas conquista uma legião

de admiradores, de todas as idades, credos e classes sociais. O sucesso é resultado de uma paixão avassaladora pela música incorporada em sua vida desde muito pequeno, quando ganhou uma sanfona, seu primeiro instrumento. De lá pra cá, o som das notas musicais se uniu ao timbre único do artista, formando um dueto espetacular.

Em 1967, já era considerado o

melhor intérprete pelo Festival Internacional da Canção, um concurso de músicas nacionais e internacionais. Nesse mesmo evento, a canção *Travessia* conquistou o segundo lugar, tornando-se uma das músicas mais famosas de Milton, no Brasil e no exterior. O título foi apenas um dos diversos conquistados pelo artista ao longo da carreira artística. Em 1997, foi condecorado com o Grammy de



Melhor Álbum de World Music do Ano. Pouco tempo depois, recebeu a medalha de ouro da Sisac, no Chile. O cantor também levou o Grammy Latino na categoria Melhor Disco Pop Contemporâneo Brasileiro com álbum Crooner. Além dos prêmios recebidos por suas interpretações, a composição *A Festa*, de Milton Nascimento, interpretada por Maria Rita, vence o Grammy Latino em 2004 na categoria de melhor canção brasileira. Maria Rita, filha da imortal Elis Regina, foi um dos jovens talentos apadrinhados pelo cantor.

Durante sua trajetória artística, Nascimento valorizou o trabalho com um aspecto cosmopolita e influências de nomes da música nacional e internacional.

Entre os nomes que fizeram parte dessa parceria estão Pat Metheny, Herbie Hancock, Ron Carter, Mercedes Sosa, Fito Paez, Hubert Laws, Peter Gabriel, James Taylor, Sting, Paul Simon, Jon Andersen (Yes), Duran, Duran, Chico Buarque, Elis Regina e Caetano Veloso. Não há como falar de Milton Nascimento sem citar o grande amigo de infância e parceiro musical Wagner Tiso, um dos mais importantes compositores, arranjadores e orquestradores nacionais. Ao lado dele, Nascimento redigiu a letra da canção *Coração de Estudante*, escrita em 1983, uma singela homenagem ao estudante Edson Luiz de Lima Souto, morto durante a ditadura militar. Pouco tempo depois, a música transformou-se em um hino das “Diretas Já”, movimento realizado em meados dos anos 80 que lutava

Foto: Daryan Dornelles



Da esquerda para a direita: Ron Carter, Milton Nascimento e Wayne Santos.



“ Coração de Estudante, escrita em 1983, transformou-se em um hino das “Diretas Já”, movimento realizado em meados dos anos 80 que lutava contra a ditadura militar instaurada no Brasil desde 1968. ”

Foto: Daryan Donelles



contra a ditadura militar instaurada no Brasil desde 1968. Considerada uma das melodias prediletas do presidente Tancredo Neves, primeiro civil da República após a queda dos militares em 1985, a trilha comoveu milhares de brasileiros quando foi divulgada pelas rádios e TV durante a cerimônia fúnebre de Tancredo, em 21 de abril de 1985, um dos episódios mais marcantes de comoção nacional.

Uma das mais recentes inovações do cantor e compositor foi a criação do álbum *E a Gente Sonhando*. A idéia de lançar o CD surgiu há anos quando Milton folheava as páginas da edição especial da revista *Billboard* e avistou nomes de jovens cantores, instrumentistas, compositores da cidade Três Pontas. A partir daí, começou a reunir talentos da

nova geração, anônimos repletos de ginga e musicalidade. Entre julho de 2009 e julho de 2010, Milton e seus novos parceiros se reuniram para a gravação do álbum na cidade de Três Pontas e no estúdio caseiro do cantor, localizado no Rio de Janeiro. O trabalho foi árduo, mas rendeu bons resultados. Muitos dos participantes nunca tinham sequer estado em um estúdio. Alguns jovens foram apresentados ao artista durante a gravação do DVD *Pietá*, inspirado nas mulheres da sua vida, principalmente na mãe adotiva, Lília, Ângela Maria e Elis Regina. Entre as revelações do *E a Gente Sonhando* estão os jovens Bruno Cabral, Ismael Tiso Jr. e Paulo Francisco.

Por causa de seu carisma, talento e paixão pelo estado de Minas

Gerais, no mês de setembro, o cantor e compositor Milton Nascimento foi o principal homenageado na oitava edição do Festival International de Corais. Divididos em 156 corais, mais de 4 mil vozes emocionaram a platéia em frente ao Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte.

Túnel do tempo

A inclinação para a música chegou muito cedo à vida de Milton Nascimento. Um dos maiores expoentes da música brasileira já via no piano da casa dos avós uma maneira de se expressar desde os dois anos de idade. Após a morte da mãe, a empregada doméstica Maria do Carmo Nascimento, o futuro músico muda-se para a casa da avó em Juiz de Fora, Minas Gerais, acontecimento que foi um dos grandes marcos na infância

Foto: Mario Thompson





Foto: Daryan Donelles

de Milton. Em 1945, a filha de sua madrinha e ex-patrão de sua mãe biológica, a professora de música Lília Campos, adota-o como filho após casar-se com Josino Campos, proprietário de uma estação de rádio em Três Pontas, sul de Minas. Aos 6 anos, Milton ganha de presente dois instrumentos musicais: uma gaita e uma sanfona de quatro baixos. Para completar as notas que faltavam, o jovem completa a sonoridade do instrumento com a própria voz.

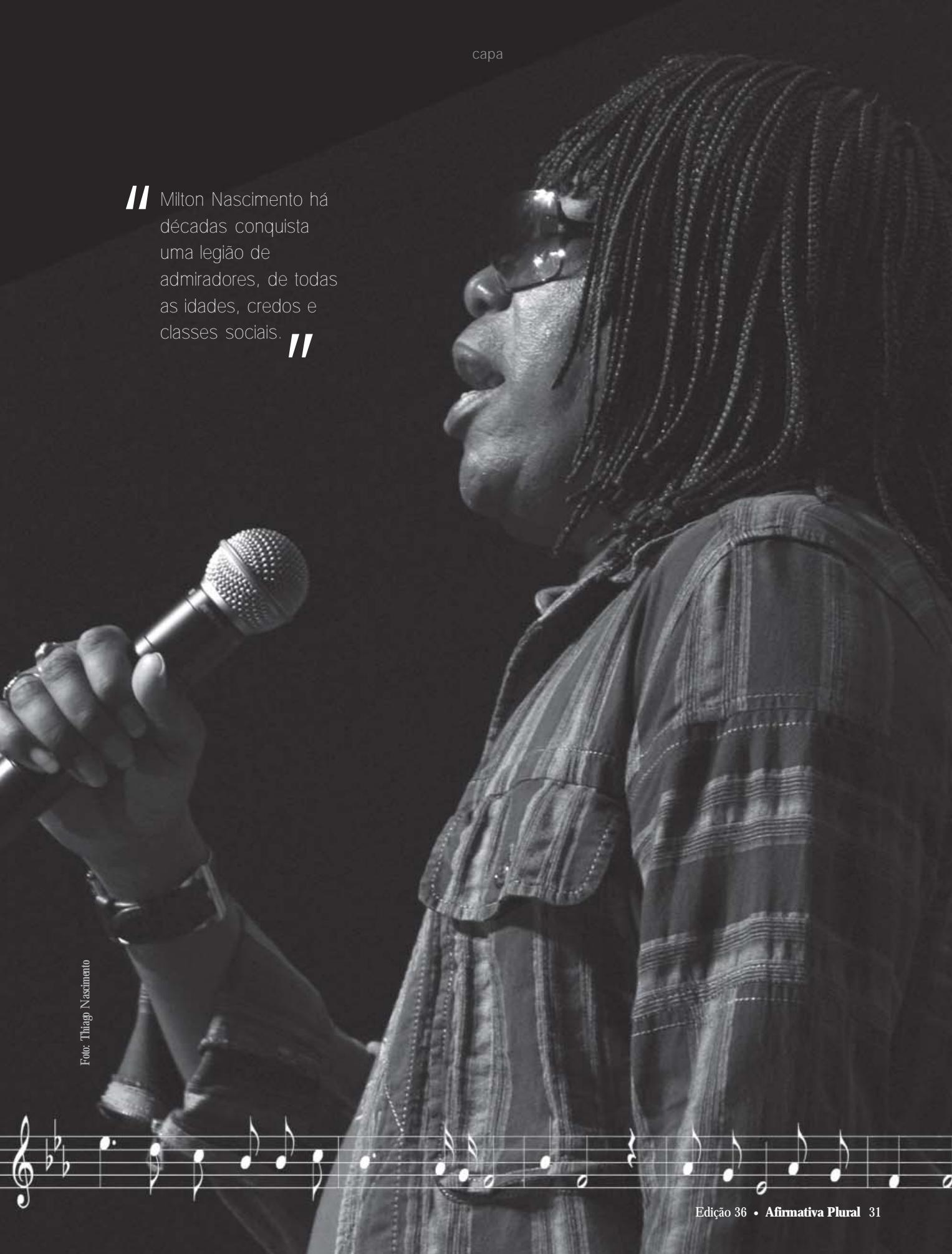
Aos 13 anos tem seu primeiro contato com o violão e conhece Wagner Tiso, companheiro que formaria o grupo musical “Luar de Prata” e que acompanharia grande parte de sua trajetória. O grupo evoluiu e mudou de nome: “Milton Nascimento e seu Conjunto”, fazendo apresentações em várias cidades mineiras. Aliado a Tiso e a outros amigos músicos, Milton forma o grupo “W’s Boys”. Após grande visibilidade, Milton e Tiso são convidados para entrar no Conjunto Holliday, de Belo Horizonte, no qual gravam a canção *Barulho do Trem*. Três anos depois (em 1963), muda-se definitivamente para Belo Horizonte.

Em 1964, forma o grupo Berimbau Trio, com Wagner Tiso e Paulinho Braga. Durante esse período, Milton começa a compor e grava o LP *Quarteto Samb-cana* com Pacífico Mackson, grande nome da bossa-nova mineira. Três anos depois, ele grava um dos grandes trunfos de sua carreira, o “Clube da Esquina”, que mais tarde deu nome a um movimento cultural tipicamente mineiro com expressividade em todo o país. Na década seguinte, o cantor se torna alvo da ditadura e o disco *Milagres dos Peixes* tem boa parte das letras censuradas.

Agora, em 2010, Milton Nascimento é homenageado pela Afrobras e pela Faculdade Zumbi dos Palmares, com o Troféu Raça Negra 2010, evento que tem por objetivo destacar personalidades negras que são sucesso em suas áreas de atuação. Na homenagem, as instituições procuram celebrar grandes nomes nacionais ou internacionais e trazer os melhores cantores para presentear, com suas vozes, os grandes ícones do país. ■

|| Milton Nascimento há
décadas conquista
uma legião de
admiradores, de todas
as idades, credos e
classes sociais. ||

Foto: Thiago Nascimento



AÍ IR E VIR LIVREMENTE. ESTÁ
TUTOU MUITO. E, POR ISSO, DÁ VALOR.
TEN A VER COM MOBILIDADE. NASCERAM DAS MENTES
BRILHANTES DE INVENTORES NEGROS. GRACAS A ELES,
VOCÊ PODE VIAJAR. SAIR PARA O TRABALHO OU APENAS
PASSEAR COM CONFORTO E SEGURANÇA, POR EXEMPLO.
FOI UM NEGRO QUE INVENTOU O BONDE ELETRICO. O NOME
DELE? ELBERT R. ROBINSON. JOSEPH GAMMEL, POR SUA
VEZ, DESENVOLVEU O SISTEMA DE SUPERCARGA PARA
MOTORES DE COMBUSTÃO INTERNA. FREDERICK JONES,
E AR-CONDICIONADO. GARRET A. MORGAN, O SENADOR
E, FINALMENTE, RICHARD SPIKES. A RACA NEGRA CONTRIBUIU
AUTOMATICA DE MARCHAS. A RACA NEGRA CONTRIBUIU
MUITO PARA O DESENVOLVIMENTO DO MUNDO EM
QUE VOCÊ VIVE. PORQUE O MUNDO PRECISA DE
PESSOAS QUE PENSAM DIFERENTE
NÃO DE PESSOAS QUE PENSAM
QUE ALGUNS SÃO
DIFERENTES.

VIVA A CONTRIBUIÇÃO DE TODAS AS RACAS.



Cinto de Segurança pode salvar vidas.

“ *Imagine a natureza
O som do mar, das águas...
O som do vento...
O canto dos pássaros! Ah! Quanta poesia!
É assim que vejo e sinto Milton. Um coração
pulsante no meio da natureza!!!
Um beijo em sua alma daquela que te admira
e te guarda num cantinho especial do coração. ”*

Isabel Filardis

Foto: Víma Santolíia



Foto: Geronia

“ Um músico canadense falando a respeito de um show do Milton em Montreal disse-me: “As pessoas saíram de casa para ver um show e retornaram como se tivessem assistido a um belíssimo ritual religioso”.

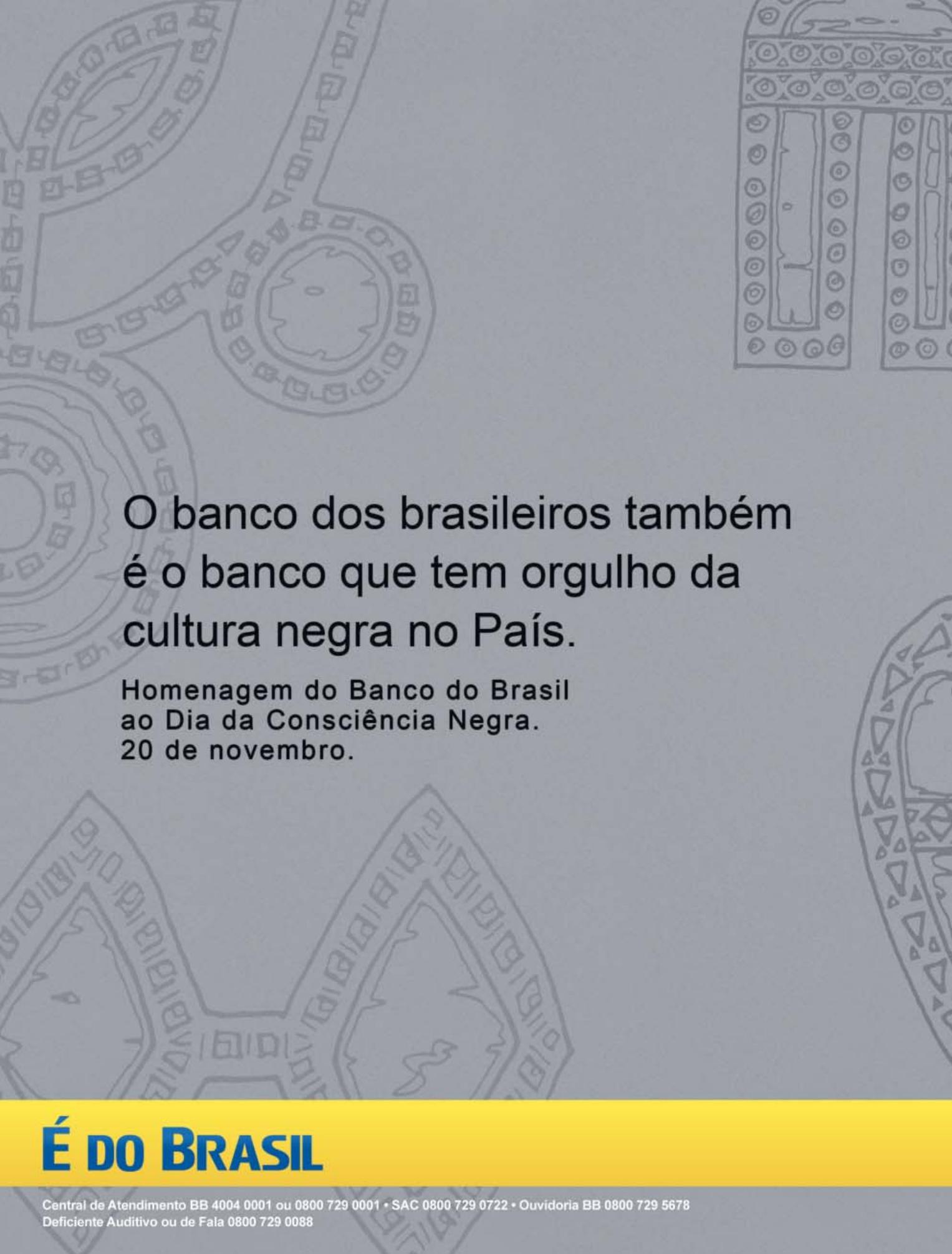
Milton Nascimento é assim, a música que vem através dele, única no planeta, põe o sublime diante de nós.

Ter um artista dessa grandeza que como ele, anda pelo mundo mostrando como pensa, vive e sonha a alma da nação brasileira contribui, e muito, para que sejamos bem-vindos em qualquer lugar do mundo aonde tenha estado antes de nós.

Milton é assim como Neruda, Piazzolla, Carlos Santana, Mercedes Sosa, Vargas Llosa, pessoas que fazem com que o canto da nossa América Latina seja ouvido mundo afora.

Tudo isso, eu sempre soube até conhecê-lo de perto. Quando isso, então, acontece, descubro que essa arte tão intensa o escolhe por conta da ternura, respeito, simplicidade e amor cultivados com zelo em seu coração.”

Altay Veloso



O banco dos brasileiros também
é o banco que tem orgulho da
cultura negra no País.

Homenagem do Banco do Brasil
ao Dia da Consciência Negra.
20 de novembro.

É DO BRASIL



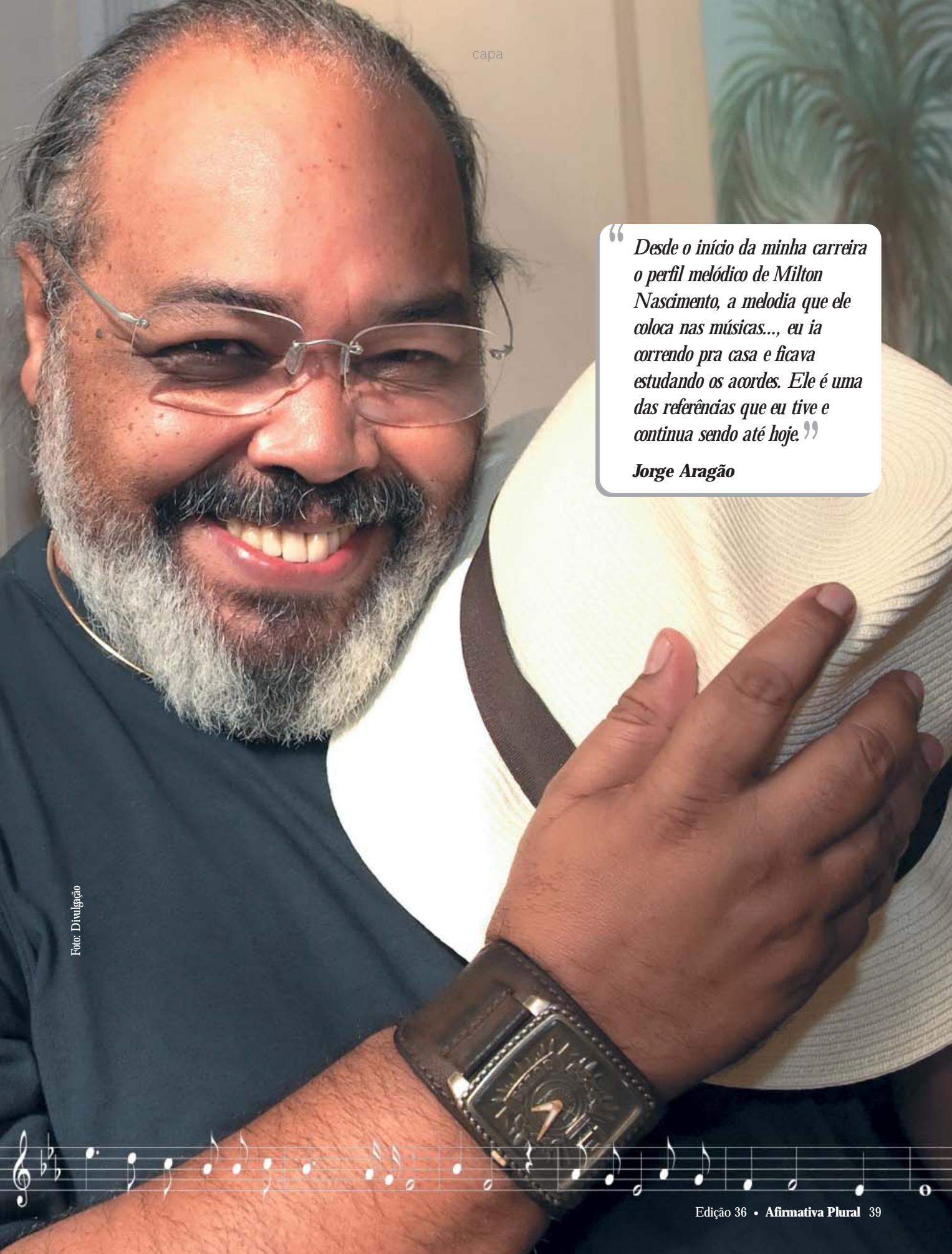
TodoSeu



“ Milton Nascimento é o nosso jequitibá da música, do canto, da poesia, da postura. E é toda a carga de emoção deste Troféu Raça Negra da qual ele é orgulho.

Parabéns Troféu Raça Negra 2010!!! ”

Alcione



“ Desde o início da minha carreira o perfil melódico de Milton Nascimento, a melodia que ele coloca nas músicas..., eu ia correndo pra casa e ficava estudando os acordes. Ele é uma das referências que eu tive e continua sendo até hoje. ”

Jorge Aragão



“É mais do que justa essa homenagem do Troféu Raça Negra ao Milton Nascimento. É mais uma maneira de mostrar ao nosso povo a nossa cultura. Mostrar para essa criançada que está chegando agora que a gente tem uma cultura rica sim, que temos nossos heróis sim, muito fortes e da melhor qualidade.”

Sandra de Sá

NEGROS EM FOCO

POR ELAS

Apresentação: Monica Santos
e Francisca Rodrigues



**Negros em Foco por
Elas.** Um programa feito
por mulheres que pode
ser assistido por todos.
Inclusive pelas mulheres.

O programa Negros em Foco por Elas tem tudo o que interessa à comunidade afrodescendente. Com uma vantagem fundamental: o charme e a beleza da afrodescendente brasileira. Feito, dirigido e apresentado por elas, o programa está cada vez mais bonito. Você não pode perder. Veja abaixo os horários e os canais onde o programa é exibido. E bom divertimento.

TV Aberta (canal 9 da Net)

Sábado: 18h30

RBI (Canal 14 UHF)

Domingo: 21h30

Quarta-feira: 21h30

Rede Mundial (Via Satélite)

Sábado: 15h30

Domingo: 15h30

Quarta-feira: 21h30

* Negros em Foco por Elas é alternado semanalmente com o programa Negros em Foco.

Várias Nações, Vários



Zumbis

Mais um 20 de Novembro. Dia da Consciência Negra. Lembra-se da morte do maior Herói Nacional Negro, Zumbi dos Palmares. Por sua luta, o nome Zumbi deixou de ser sinônimo de morto vivo para ser sinônimo de homens negros lutadores. Tal qual Zumbi, o Quilombo dos Palmares na Serra da Barriga, outros lugares do planeta por onde a escravidão deixou suas marcas também possuíam seus "Zumbis".

A determinação de homens negros na luta contra a discriminação racial por todos os cantos onde a escravidão deixou suas sequelas, os transformam em paradigma de conduta. E é graças a esses homens de fibra que o mundo está mudando.

Por Eliane Almeida

Na África do Sul, o regime do *Apartheid* deu origem a diversas manifestações contra a segregação por conta da raça. É da dificuldade que nasce a força da luta e vários Zumbis surgiram nesse bojo.

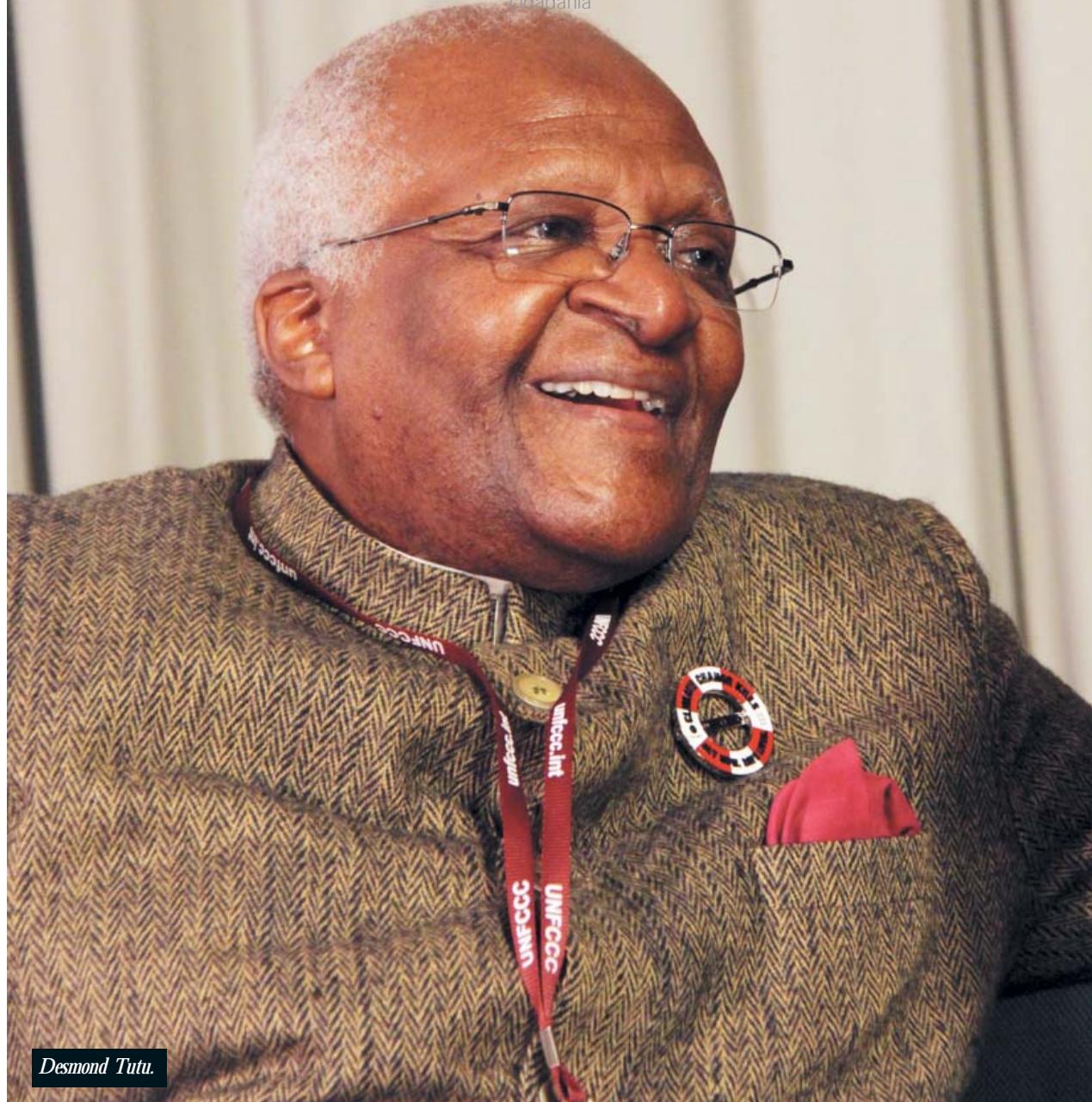
Nomes como Desmond Tutu, Steve Biko e Nelson Mandela figuram entre os homens que transformaram a vida dos negros sul africanos. A legitimação da luta se dá pela forma radical com que a população africana negra teve seus direitos de ser humano subtraídos com as políticas segregacionistas.

Nas ruas e calçadas eram marcados os locais por onde podiam passar os negros. Eram proibidos de frequentar praias e locais públicos que tivessem como prioridade o público branco. Como viver num local onde se tem cerceado o direito de ir e vir?

Desmond Tutu, sacerdote anglicano, nasceu numa época em que os negros tinham que carregar uma identificação especial e apresentá-la aos policiais brancos quando fossem requisitados. Em 1948, houve eleições na África do Sul, mas como somente os brancos puderam votar, o partido eleito era abertamente racista.

Em 1975, Desmond Tutu foi o primeiro negro a ser nomeado decano da Catedral de Santa Maria, em Johannesburgo, uma posição pública que o fazia ser ouvido. Sua proposta para a sociedade sul-africana incluía direitos civis iguais para todos, abolição das leis que limitavam a circulação dos negros, um sistema educacional comum e o fim das deportações forçadas de negros.

Por sua firme posição contra a segregação racial ganhou, em 1984, o Prêmio Nobel da Paz. Na mesma época foi eleito arcebispo de Johan-



Desmond Tutu.

nesburgo e depois, da Cidade do Cabo. Recebeu o título de doutor honoris causa de importantes universidades dos EUA, do Reino Unido e da Alemanha.

Em julho de 2010, o Arcebispo resolve deixar a vida pública e se dedicar mais à família. Aos 79 anos de idade, acredita que já deu sua contribuição para a mudança no país e que “é hora de abrandar”.

Outro ícone sul-africano é o lí-

der Nelson Mandela. Preso por 27 anos por lutar contra o regime do *Apartheid*, continuava a peleja dentro das paredes da cela da prisão. Não se deixou enfraquecer pelas adversidades e se transformou no maior líder negro que a África do sul já viu.

Nelson Rolihlahla Mandela nasceu em 18 de julho de 1918 na cidade de Qunu (África do Sul). Mandela, formado em Direito, foi presidente da África do Sul entre os anos de

1994 e 1999. No início, a sua luta contra o Apartheid era baseada na paz e conversação, mas ao ser testemunha do chamado “Massacre de Sharpeville”, em 21 de março de 1960, onde 69 pessoas foram assassinadas, passou a defender a luta armada.

Mandela foi preso em 1962 e em 1964 foi condenado a prisão perpétua. De dentro da prisão, enviava cartas aos seus seguidores que colo-

cavam em prática as orientações do mestre. Liberto em 1990, continuou a batalha e foi eleito o primeiro presidente negro da África do Sul de 1994 a 1999.

Outro sul africano determinante para a luta contra o *Apartheid* foi Steve Biko. Steve Bantu Biko, nascido em 1946 e assassinado em 1977, foi um conhecido ativista do movimento *anti-apartheid* na África do Sul, durante a década de 1960. Insatisfeito com a União Nacional de Estudantes Sul-africanos participou da fundação, em 1968, da Organização dos Estudantes Sul-africanos. Em 1972, tornou-se presidente honorário da Convenção dos Negros.

Em março de 1973, no ápice do *Apartheid*, foi “banido”, o que significava que Biko estava proibido de comunicar-se com mais de uma pessoa por vez e, portanto, de realizar discursos. Em 6 de setembro de 1977 foi preso em bloqueio rodoviário organizado pela polícia. Levado sob custódia, foi acorrentado às grades de uma janela da penitenciária durante um dia inteiro e sofreu grave traumatismo craniano.

Em 11 de setembro, foi embarcado em veículo policial para transporte para outra prisão. Biko morreu durante o trajeto e a polícia alegou que a morte se devera a “prolongada greve de fome empreendida pelo prisioneiro”.

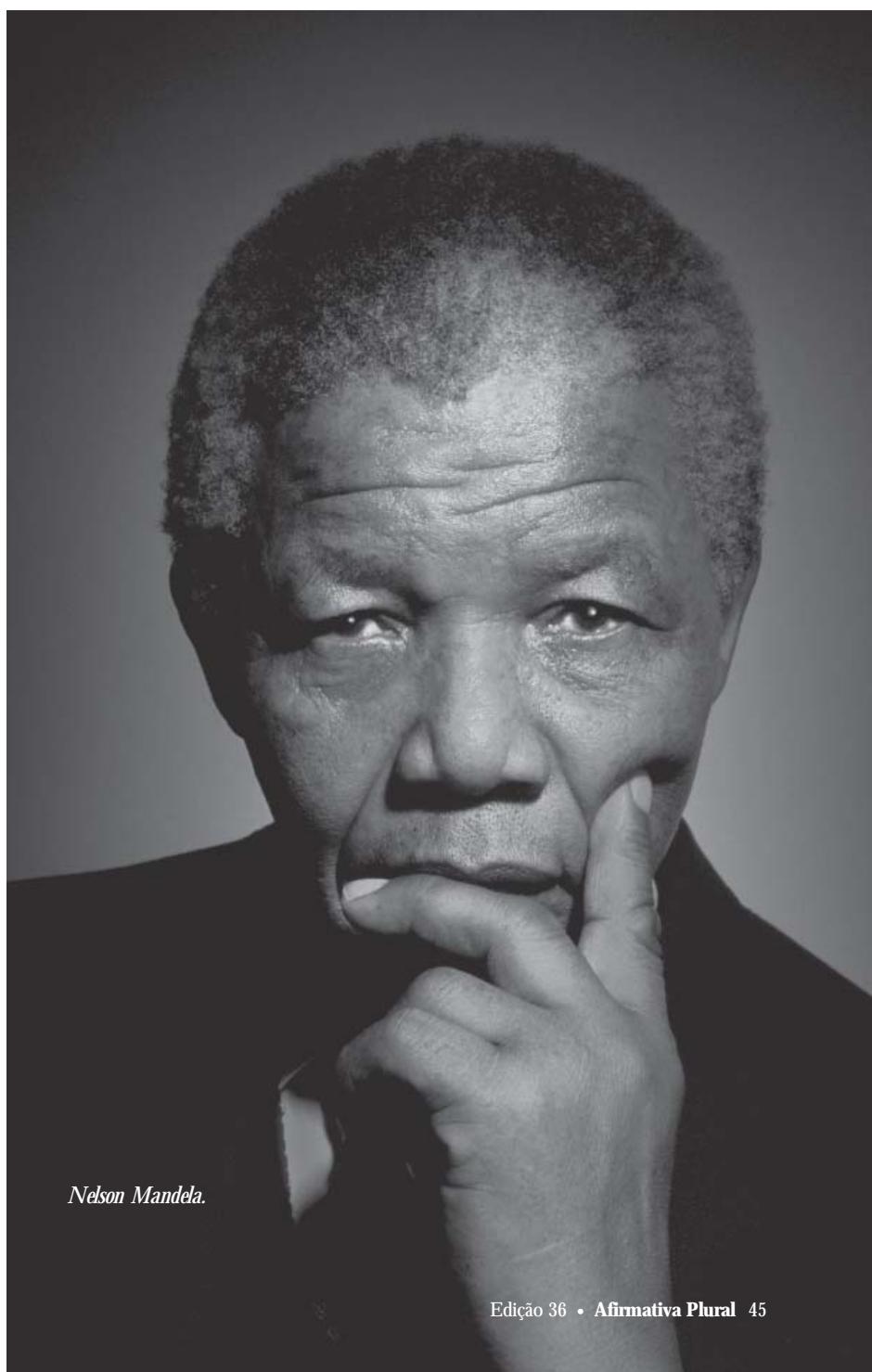
Nos Estados Unidos, a luta armada e a luta pacífica também eram pregadas. Os contemporâneos Martin Luther King, o Pacificador e Malcom X, o Guerreiro. Cada um ao seu modo foram Zumbis em território do Tio Sam.

Malcom Little, este é o verdadeiro nome de Malcom X. Nascido em

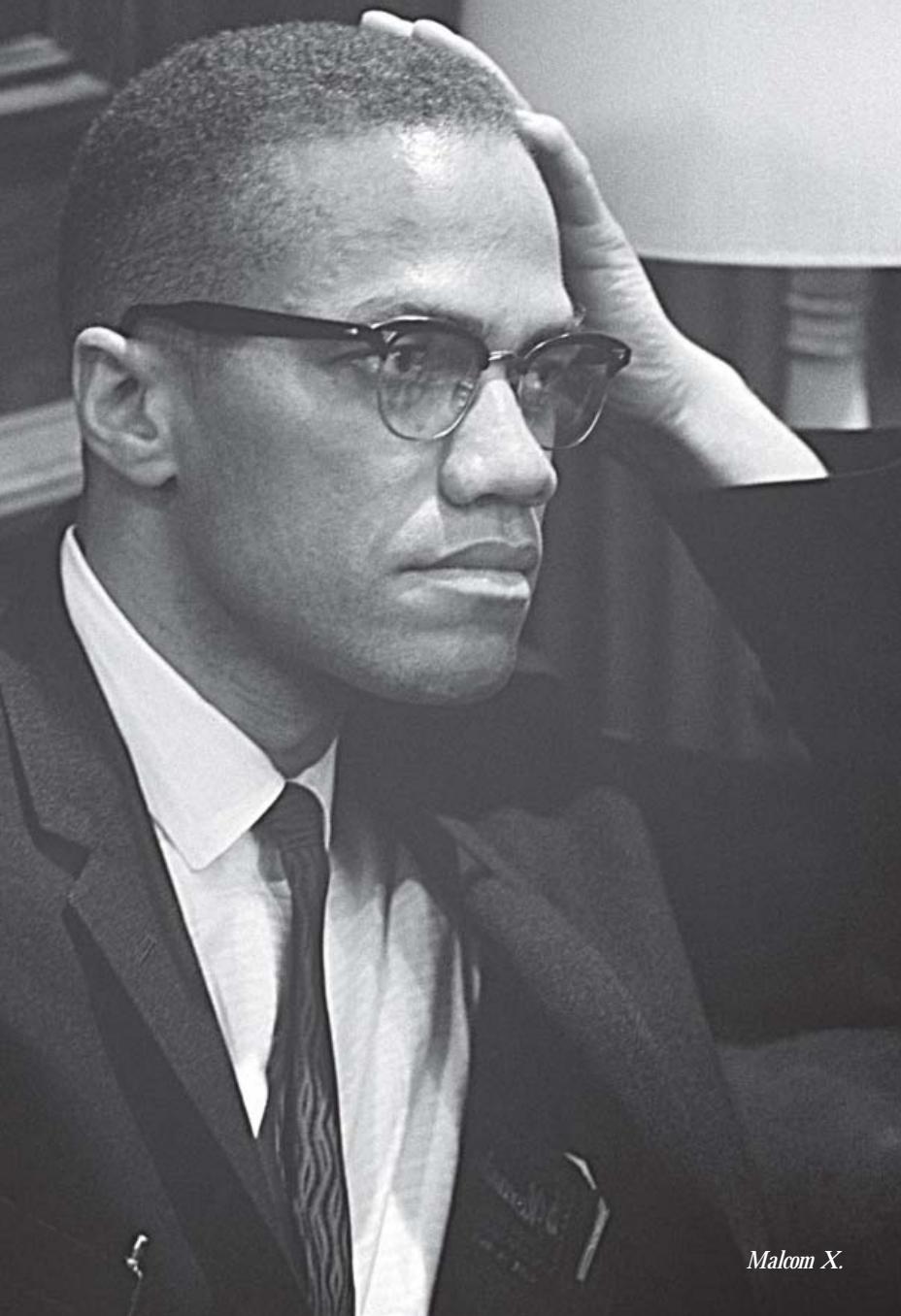
19 de maio de 1925, Nebraska, foi criado no Harlem. Malcom testemunhou várias agressões contra sua família. A Pior delas foi o assassinato de seu pai, Earl Little, surrado e depois jogado nos trilhos do trem por ser um ativista religioso e político negro. Por conta desta morte trágica, a mãe de Malcom, Louise Norton

Little, enlouqueceu e foi internada em sanatório deixando seus oito filhos entregues à própria sorte.

Mais inteligente dos irmãos, confidenciou a um professor a quem admirava sobre seu sonho de ser advogado. Seu professor o desestimulou dizendo que ele enquanto negro não teria a menor chance no mercado de



Nelson Mandela.



Malcom X.

trabalho. A partir daí Malcom deixaria os estudos de lado e passaria a praticar pequenos delitos. Ficou preso de 1946 a 1952 onde se converteu ao Islamismo. Seu mentor Elijah Muhammad criador da Nação do Islã, tinha como objetivo a criação de um estado negro e a luta armada. Malcom X abraçou a idéia e se tor-

nou o maior articulador da organização. A mídia passou a perseguí-lo e seus discursos se tornaram grandes eventos chamando atenção da opinião pública e deixando em segundo plano a imagem do mentor. O que causou um grande estremecimento entre eles.

Em 1964, Malcom rompe com a

Nação do Islã e faz peregrinação a Meca. Volta com suas ideias mudadas e passa a pregar como pacificador. Em 21 de março de 1965, aos 39 anos, Malcom X é assassinado com 13 tiros a queima roupa por três membros da Nação do Islã. Deixou esposa e seis filhas. Seus ensinamentos são referências até hoje.

Nesta mesma época Martin Luther King também lutava pela paz entre as raças. Nascido Michael Luther King Jr, teve seu nome mudado posteriormente. Nasceu em 1929 em uma família de pastores Batistas, em Atlanta. Foi co-pastor com seu pai até a década de 1960.

Sua veia pacificadora é muito forte por conta do tipo de educação que teve. Estudou em escolas segregadas na Georgia, formou-se bacharel em 1948 na *Morehouse College*, instituição negra em Atlanta onde seu pai e avô haviam estudado. Estudou Teologia por três anos no Seminário Crozer, na Pensilvânia.

Em 1954, Martin Luther King se tornou pastor da *Dexter Avenue Baptist Church* em *Montgomery*, Alabama. Sempre forte trabalhador pelos direitos civis para os membros de sua raça, King foi membro do comitê executivo da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor, organização líder no país.

Ele estava pronto, então, no final de 1955, a aceitar a liderança do Movimento Negro contra Violência, primeira grande demonstração do desejo de paz nos Estados Unidos. Em 21 de dezembro de 1956, após a Suprema Corte dos Estados Unidos haver declarado inconstitucionais as leis que exigem segregação nos ônibus, negros e brancos andavam nos ônibus como iguais. Du-

rante estes dias de boicote King foi preso, sua casa foi bombardeada, ele foi submetido a abusos pessoais, mas ao mesmo tempo, ele emergiu como um líder negro de primeira ordem. Em 1957 foi eleito presidente da *Southern Christian Leadership Conference*, uma organização formada para prover novas lideranças para o crescente movimento dos direitos civis. Na idade de 35 anos, Martin Luther King Jr., foi o homem mais jovem a ter recebido o Prêmio Nobel da Paz. Na noite de 4 de abril de 1968, enquanto estava na sacada de seu quarto de motel em Memphis, Tennessee, onde estava a liderar uma marcha de protesto em solidariedade com os trabalhadores do lixo, ele foi assassinado.

No Brasil

Nossa nação tem terreno fértil em se falando de heróis. Em país “em que se plantando tudo dá”, a terra brasili tem sempre os melhores frutos. No século XX podemos citar pelo menos 3 grandes homens que, com seu toque de Midas, transformam palavras em atos.

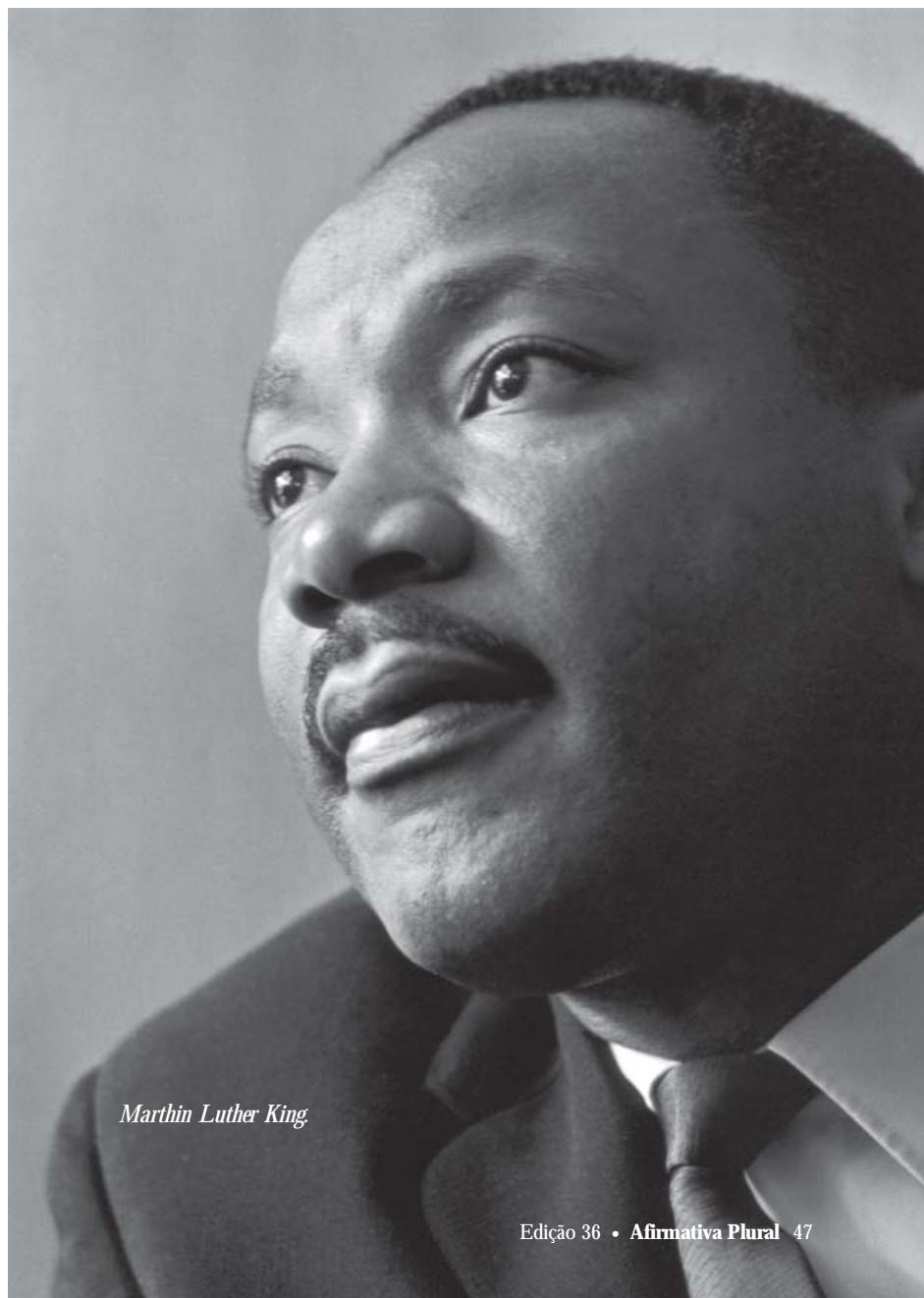
Abdias do Nascimento, aos 96 anos, foi, em 2010, indicado ao Prêmio Nobel da Paz pelo seu trabalho em busca do fim da discriminação. Para quem acredita que o Estatuto da Igualdade Racial é uma novidade, saiba: não é. Entre 1945 e 1946, Abdias organiza a Convenção Nacional do Negro (a primeira plenária realizando-se em São Paulo e a segunda no Rio de Janeiro), que propõe à Assembléia Nacional Constituinte a inclusão de um dispositivo constitucional definindo a discriminação racial como crime de lesa-Pátria. A iniciativa, apresentada à As-

sembléia Nacional Constituinte pelo Senador Hamilton Nogueira, não é aprovada.

Não se deixando calar, lutou na Revolução de 1930 e 1932 como soldado. Mas sua veia política e artística o transformaram num ser pensante que incomodava. Poeta inato, a arte lhe fluia pelas veias. O incômodo que a discriminação lhe causava fez com que por onde passasse deixasse sementes de revolta. Criou vários núcleos de resistência pelo

estado de São Paulo, o que lhe deu grande notoriedade e desconforto às autoridades.

Foi preso diversas vezes e exilado. Mas nada o calava. Protestou contra o Estado Novo, incitou protestos, buscou na educação formal a estrutura para a organização de seus argumentos. Em 1938 formou-se em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1941, depois de sua estada no Peru, onde fez parte de um grupo de escritores



Martin Luther King

e poetas de Lima, foi preso ficando durante dois anos na Penitenciária Carandiru. O motivo da prisão? Em 1936, Abdias resistiu a agressões racistas e foi condenado, à revelia, por desobediência.

Na prisão, criou o Teatro Experimental do Negro (TEN). Nas instalações do presídio deu início a escolas de alfabetização, cultura e arte

dramática para os detentos, deixando ali também suas sementes de consciência. Saindo da prisão, em 1943, buscou apoio de intelectuais de São Paulo, como Mário de Andrade, e não obteve ajuda. Resolve deixar São Paulo e mudou-se para o Rio de Janeiro.

Em 1944, com apoio de pessoas influentes, Abdias consegue organi-

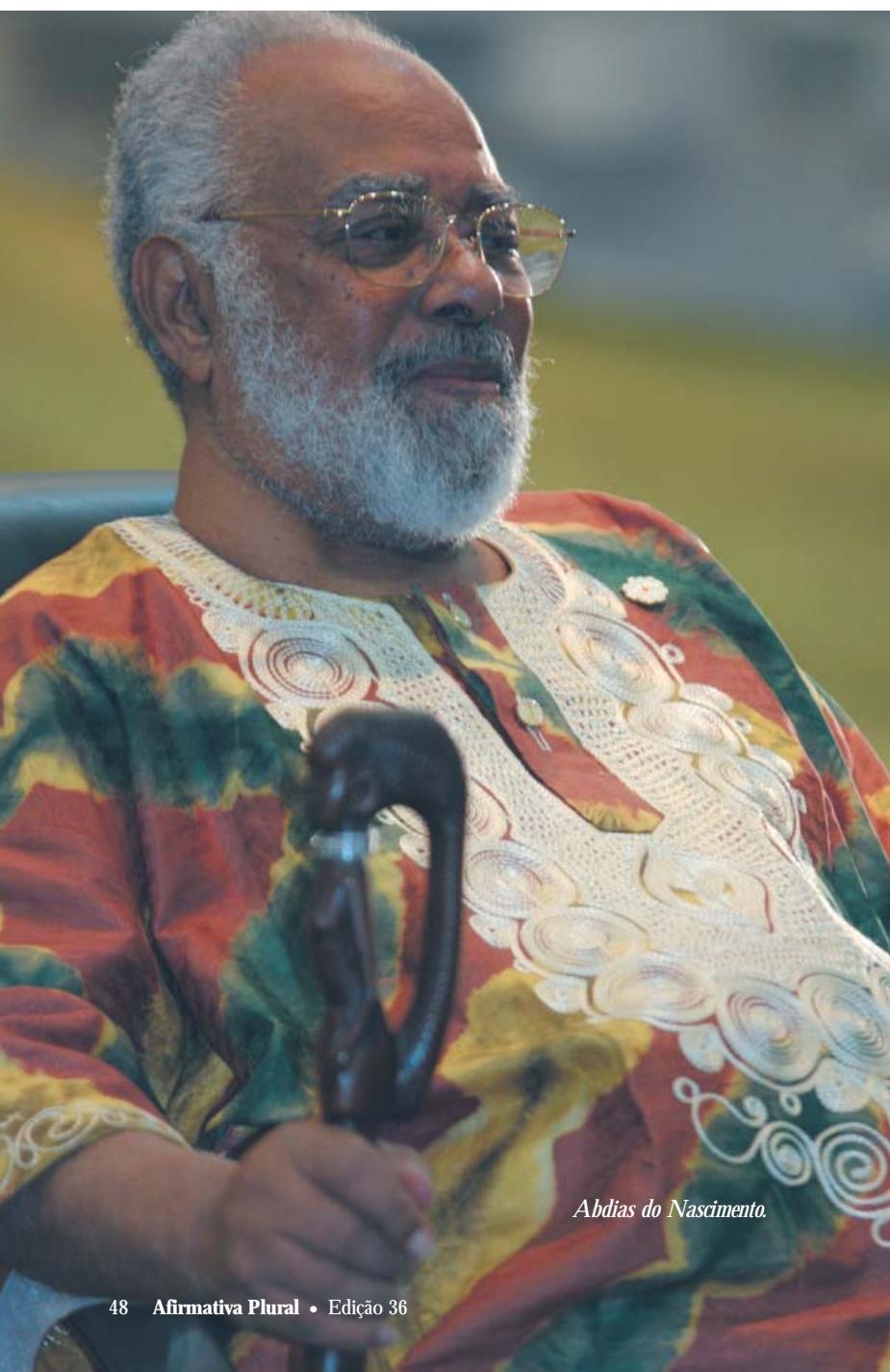
zar o TEN e colocá-lo para funcionar a pleno vapor. Em 1949 funda o Jornal Quilombo, onde todas as ações sociais e artísticas dos grupos negros eram publicadas. O jornal circulou até 1951.

Abdias do Nascimento buscou pelos caminhos da organização política, educacional e artística dar consciência ao povo brasileiro das mazelas sociais. Como orientador, organizou atividades por todo país deixando seus discípulos bem treinados para dar continuidade a sua luta. Ainda hoje, depois de 96 anos de vida e grande parte dela dedicada a luta contra a discriminação racial, é impossível não dar crédito a este Zumbi que também ocupou entre 1991-1992 e 1997-1999 a cadeira de senador da República.

Milton Gonçalves é mais um Zumbi da nação brasileira. Ator renomado, é referência na conscientização política através de sua postura e utiliza a máquina que é a mídia a favor de sua fala. Polêmico, diz que não faz parte do Movimento Negro porque é um negro em movimento. Sobre o racismo diz que o “preconceito racial contra o negro bate na vítima como uma pancada na cabeça que ressoa pelo corpo inteiro”.

Atror de teatro, cinema e televisão, Milton também é diretor. Atuou em mais de 100 filmes e perde a conta de quantas vezes trabalhava ora como ator, ora como diretor.

A política também faz parte da vida deste homem que, nascido em Minas Gerais, não tem nada do estereótipo do mineiro quieto que faz suas artes às escondidas. Milton é um mineiro de Monte Santo que usa a fala e sua figura de força para estimular nas pessoas a discussão atra-



Abdias do Nascimento.

*Milton Gonçalves.*

vés de sua fala e de seus papéis sempre polêmicos.

Seu dom artístico foi estimulado ao assistir a peça "A Mão de Macaco". Ao ver o que era possível fazer no palco, Milton decidiu naquele momento que queria atuar. Na busca do aprendizado da arte no palco, conheceu o Teatro de Arena de São Paulo onde pôde aperfeiçoar o dom que já possuía. Nessas andanças teve seu caminho amenizado pela amizade de Augusto Boal, Gianfran-

cesco Guarnieri, Flávio Migliaccio, Oduvaldo Viana e muitos outros.

O geógrafo Milton Santos é também Zumbi. O baiano da cidade de Macaúba era bacharel em Direito e sua notoriedade se deu por sua dedicação aos estudos do conhecimento dos problemas urbanos que afetam as nações subdesenvolvidas, fato que o torna referência até hoje. Suas publicações tem credibilidade em todo o mundo e servem como referência para diversos trabalhos

acadêmicos ao redor do planeta.

Com extensa bibliografia a respeito da situação dos menos favorecidos nos mais diversos guetos, Milton Santos ganhou, em 1994, o prêmio "Vautrin Lud", o Nobel da Geografia. Passou por banca constituída por 50 universidades de diferentes países para ser avaliado.

Milton Santos foi secretário de Estado de Planejamento sendo, em seguida, Subchefe da casa Civil do Governo Jânio Quadros. Por perse-

*Milton Santos.*

guião política, se viu obrigado ao exílio. Ficou em Strasburg, na França, onde doutorou-se em Geografia. Lecionou em várias cidades do mundo como Tolouse, Nova York, Bordeaux, Paris, Toronto, Lima, Dares Salam, Caracas e no Rio de Janeiro.

Nas palavras de Milton Santos: "Ser cidadão, perdoem-me os que cultuam o direito, é ser como o esta-

do, é ser um indivíduo dotado de direitos que lhe permitem não só se defrontar com o estado, mas afrontar o estado... É neste sentido que me pergunto se a classe média é formada de cidadãos. Eu digo que não. Em todo o caso no Brasil não é, porque não é preocupada com direitos, mas com privilégios..." Fica aí o pensamento do grande homem para a reflexão.

Todos os Zumbis de alguma forma foram calados. Mas o grito dado antes do calar forçado foi ouvido pelas nações que fazem com que a luta ainda seja justa. São Zumbis de todos os lugares, de todas as cores, de todas as nações lutando pela igualdade de condições e direitos. Somos Zumbis de nossas vidas, protagonistas e não coadjuvantes. ■

Faculdade Zumbi dos Palmares.

O caminho para a inclusão do negro na sociedade brasileira fica cada vez mais livre.



futura

A Faculdade Zumbi dos Palmares surgiu de um sonho alimentado por um grupo de abnegados formado por empresários, cidadãos, professores, funcionários e alunos. E com um compromisso muito claro: trabalhar pela inclusão e valorização do negro na sociedade brasileira. Hoje, depois de duas turmas já formadas, podemos dizer que este sonho já é realidade, que cresce como uma onda positiva, virtuosa, que se espalha pela sociedade. E, para corroborar estas palavras, apresenta números incontestáveis: de **126 alunos formados em 2008**, passamos a **241 em 2009, 90% deles empregados e 70% efetivados nos principais bancos do país** através de programas de Inclusão Racial firmados com nossa faculdade. Tudo isso nos dá a certeza de que este é o caminho para a inclusão do negro na sociedade brasileira. E ele está cada vez mais livre.



ZUMBI DOS PALMARES

FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

Vamos
festejar!
é dia de
Zumbi!

*Por Martinho da Vila**

O Vinte de Novembro foi criado para celebrar o aniversário de morte de Zumbi dos Palmares.

Vamos celebrizar, minha gente! É dia de reflexão sobre a participação do negro na construção do Brasil, de comemorar e festejar, como manda a tradição do povo africano. No Continente Negro se chora cantando e se dança rezando quando morre alguém que cumpriu bem a sua missão aqui na terra.

“Valeu Zumbi!

O grito forte dos Palmares influenciando a Abolição”

Quanto mais importante o falecido, maiores são os alegres combas em África, particularmente em Angola, semelhantes aos nossos antigos gurufins, com comes e bebes. É o costume que veio das terras dos nossos ancestrais.

Nas favelas, antigamente, os mortos eram velados em casa e os amigos se reuniam por uma noite inteira no quarto de um barraco à volta do corpo, para rezar. Outros na sala lembravam bons acontecimentos vividos pelo falecido e não se furtava a histórias engraçadas. Do lado de fora, formava-se uma roda com brincadeiras de gurufins, hilárias. Por exemplo, uma brincadeira que noticiaava roubo na casa de alguém, denunciando ao participante denominado Martins Gravata por outro que personalizava o Mestre:

- *Martins Gravata!*
- *Pronto Seu Mestre!*
- *Esta noite houve um roubo*
- *Aonde?*
- *Na casa do Violão Sem Braço*
- *Aquí na 8 não houve*
- *Então onde foi?*
- *No barraco do mentiroso.*
- *Não. Na 7 ninguém rouba nada. Deve*

ter sido na casa do Pé Grande.

- *De maneira nenhuma. Aqui na 44 se ladrão chegar eu chuto com o meu pisante*
- *Será onde foi o roubo?*
- *Na casa do Maluco.*

Se algum dos participantes não respondesse imediatamente, tinha de dar a mão à palmatória e a gargalhada era geral.

Hoje isto não mais acontece porque os velórios são em tristes capelas mortuárias, mas quando morre um sambista considerado, o corpo é velado na quadra da sua escola e o samba não pode faltar, principalmente quando se trata de um compositor de renome. O mais concorrido velório que participei foi o do Beto Sem Braço, no Império Serrano e os mais emocionantes foram os do Cabana, na Beija-flor e o do Luiz Carlos da Vila, em Vila Isabel. Neste, de início cantarolamos, baixinho, à capela, algumas das músicas dele, depois fizeram ritmo com palmas de mãos e lá pelas tantas da madrugada uma roda de samba se formou.

A tradição dos gurufins e combas também acontecia nos aniversários de falecimento, o que justifica os festejos no Dia da Consciência Negra, o Dia de Zumbi.

Voltando à reflexão, muita gente pensa que os negros só se destacaram no futebol e na música popular, se esquecendo de gênios como Machado de Assis e Lima Barreto, na literatura, Solano Trindade e Cruz e Souza, na poesia, assim como de tantos outros nas artes em geral, inclusive na música clássica. O nosso primeiro maestro erudito foi José Maurício Nunes Garcia, o padre negro, maior compositor sacro das Américas no Século XVII.

O 20 de novembro é dia de to-

dos os brasileiros, independente da cor da pele, se conscientizar sobre a nossa história e celebrar Zumbi dos Palmares. Quem quiser conhecer melhor a vida do grande guerreiro sobrinho de Ganga Zumba, fundador do maior quilombo, o de Palmares, deve ler o livro Zumbi, de Joel Rufino dos Santos, editado pela Global.

Em linhas gerais a vida do grande guerreiro está descrita na letra de um jongo sinfônico criado em parceria com o Maestro Leonardo Bruno para o Concerto Negro:

*Zumbi, Zumbi. Zumbi dos Palmares Zumbi
Liderou o Quilombo-Nação já multirracial
Proibia discriminação de maneira qualquer
Entre jovens e idosos, crianças e adultos
Guerreiros e excepcionais
Índios, caboclos, negros e brancos
Além de entre homem e mulher*

*Zumbi, Zumbi dos Palmares, Zumbi
Sonhava fazer de um Estado um grande
coração*

*Pernambuco até Alagoas ser o mesmo chão
Não morreu, porque mais do que gente ele
era ideais*

*E os grandes ideais não morrem jamais
Rei Zumbi, é Zumbi!*

*Zumbi dos Palmares, Zumbi
E então surgiram aos milhares por estes
Brasis*

*Quilombos, mocambos, Palmares e novos
Zumbis*

*Que até hoje norteiam
Cabeças pensantes
Pregando a miscigenação
De um povo que canta, que dança e proclama
Zumbi! Eis a tua Nação
Rei Zumbi, é Zumbi!
Zumbi dos Palmares, Zumbi. ■*

* *Martinho da Vila, Cantor e Compositor.*



MAIS PESSOAS DESCOBRINDO SUA IMPORTÂNCIA. VAMOS FAZER JUNTOS?

O José Júnior, fundador do AfroReggae, investe com criatividade em ações sociais e fez deste programa um dos maiores de educação artística e profissional do País. O Santander apoia essa ideia e outras iniciativas que tornam a sociedade mais justa. Vem junto. Siga-nos no [@santander_br](https://www.instagram.com/santander_br), acesse [santander.com.br/valordasideias](https://www.santander.com.br/valordasideias) e inspire-se.

 Santander

VALORIZANDO IDEIAS
POR UMA VIDA MELHOR

a Unip homenageia Zumbi

Por Prof. Dr. João Carlos Di Genio*

No dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, celebramos a memória de Zumbi dos Palmares, herói negro brasileiro. E talvez não haja melhor maneira de celebrar Zumbi do que esta: a de insistirmos na importância da ação educacional no projeto coletivo de incentivo à promoção de justiça e paz nas relações étnico-raciais.

Dia de homenagem a Zumbi é dia de Memória. Dia, pois, de lembrarmos que entre os Estados signatários da *III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*, realizada em Durban, África do Sul, em 2001, o Brasil também assumiu o

compromisso de promover ações preventivas de combate ao preconceito e à discriminação étnico-raciais e de participar da implantação do *Plano Internacional de Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial*.

Desde então, em nosso país intensificou-se a adoção de medidas para efetivar os compromissos assumidos e a temática da promoção de igualdade racial foi conquistando espaço crescente nas agendas dos governos, vindo a constituir um dos principais temas contemporâneos. Os debates, que incluem a preocupação com a definição de políticas, estratégias e táticas em todas as esferas de ação, mostram-se particular-

mente úteis na esfera educacional.

A Universidade Paulista, organização-cidadã, não permaneceria indiferente em meio à tão relevante processo histórico e social: estabeleceu aliança com organizações parceiras, entre as quais a Faculdade Zumbi dos Palmares e adotou medidas internas de caráter acadêmico, entre as quais o credenciamento do Grupo de Pesquisa *Estudos Transdisciplinares da Herança Africana* junto à Plataforma Lattes do CNPq.

Esse grupo, coordenado pela Profa. Dra. Ronilda Iyakemi Ribeiro, tem por objetivo principal gerar subsídios para os debates e as práticas sociais desenvolvidos em

prol da justiça nas relações étnico-raciais de países da afrodiáspora. Sua produção acadêmica, relativa a fenômenos educacionais, culturais e religiosos africanos e afrodiáspóricos, é realizada em conformidade com duas Linhas de Pesquisa: (1) *Africanidades, Cultura Midiática e Grupos Sociais* e (2) *Herança Africana em Instituições Educacionais e na Formação do Indivíduo*.

Alguns de seus pesquisadores privilegiam temas relativos à vida sociocultural africana, tanto bantu quanto sudanesa: *Literatura oral iorubá (África Ocidental) e educação de valores; Tradição oral wongo (República Democrática do Congo) e educação*. Outros pesquisadores se debruçam sobre temas relativos à presença africana no Brasil, abordando diversas temáticas, entre as quais cabe mencionar *A presença no Brasil de Ifá-Orunmilá, divindade iorubá da sabedoria; Constituição de individualidades em espaço oracular afro-diaspórico; Mitologia iorubá, roleplaying games e educação; Benzedeiras também educam e Educando para a Paz com base em valores africanos*.

Em 2010, a Universidade Paulista, por meio da ação desse Grupo de Pesquisa, produziu o documento *Estratégias de ação afirmativa para valorização do negro em teses e dissertações da área educacional produzidas no Brasil entre 1995 e 2009*, que foi encaminhado ao Conselho Nacional de Educação/MEC, como colaboração para os trabalhos da Comissão de Acompanhamento e Avaliação da Execução do Parecer CNE/CP N° 3/2004 e da Resolução CNE/CP N° 1/2004 que tratam da instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de Histó-



João Carlos Di Gênio - reitor da UNIP.

ria e Cultura Afro-Brasileira e Africana. O documento encaminhado pela UNIP reúne um conjunto de recomendações úteis à formação, aperfeiçoamento e atualização de educadores em todos os níveis de ensino visando ampliar suas possibilidades de reflexão e de aprofundamento crítico acerca do tema em questão.

A luta de Zumbi pelos direitos do povo negro se perpetua nos esforços das novas gerações. Perdura nos gestos realizados para eliminar toda e qualquer forma de discriminação étnico-racial. Perpetua-se e deverá perdurar até a conquista da almejada união solidária entre pessoas e entre povos. ■

* Prof. Dr. João Carlos Di Gênio, reitor da Universidade Paulista – UNIP.

identidade nacional

Por Ruy Martins Altenfelder Silva*

A Semana da Consciência Negra é uma conquista dos movimentos populares que não aceitaram comemorar a liberdade em 13 de maio, considerada uma data mais ligada à “generosidade” da princesa Isabel. Por isso, desde os anos 70, já haviam escolhido, como símbolo de luta, o dia 20 de novembro, elegendo a morte de Zumbi dos Palmares em 1695 como símbolo da resistência à escravidão.

A partir de então, as reivindicações dos movimentos organizados começaram a surtir efeito, a exemplo do que ocorreu décadas antes com a questão feminina, entre outras. As discussões sobre cotas ganharam o Congresso e surgiram normas legais para promover a inclusão dos afrodescendentes no mercado de trabalho, nas universidades e até nos anúncios de publicidade, de forma a refletir a composição multiracial da população.

É inegável que existe uma dívida social em relação aos negros, que foram arrancados de sua terra natal para trabalhar como escravos nas lavouras do Brasil e de outros países do Novo Mundo, em especial nos

séculos 18 e 19. O resgate dela passa pela construção de uma sociedade justa que, necessariamente, terá como um dos fundamentos o princípio da igualdade real de oportunidades para todos os cidadãos, independentemente de cor, orientação sexual ou credo religioso. Mas, apesar de alguns avanços, o País ainda está distante desse ideal. Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) de 2008 mostra que, entre 1995 e 2006, das 20 milhões de pessoas que ingressaram no mercado de trabalho, 12,6 milhões eram negras ou pardas.

Quando analisado o rendimento financeiro, os brancos tinham uma média salarial de R\$ 1.164, que caía pela metade entre os negros e pardos, chegando a R\$ 586. Não há como negar, então, que grande parte dos afrodescendentes ainda sofre, de forma mais aguda e com maior amplitude, as vergonhosas consequências da desigualdade socioeconômica que continua a penalizar as camadas mais pobres. Foram elas que subiram os morros cariocas, que habitam as periferias das cidades e que, em muitos casos, não têm con-

dições de chegar à universidade e aos bons empregos.

Há aqueles que conseguiram, com esforço próprio, venceram a barreira da discriminação racial, velada ou não, como o presidente Barack Obama, dos Estados Unidos ou os grandes ídolos negros do esporte e da música. Mas o que falta para que um país como o Brasil, fruto de secular miscelânea de povos, consiga assegurar oportunidades iguais a todos? Na minha visão, a redução do imenso fosso da desigualdade social vai além da discussão em torno de sistemas de cotas ou de ajudas emergenciais, como o bolsa-família. Ela passa, necessariamente, pela adoção de políticas de igualdade social sérias, embasadas em propostas voltadas ao resgate da cidadania. Uma cidadania que nasce do acesso ao trabalho, remunerado de forma a assegurar condições dignas de vida a todos os segmentos da população. Isso além de, acima de tudo, valorizar a cultura negra e sua importância na construção da identidade nacional. ■

*Ruy Martins Altenfelder Silva, presidente do Conselho de Administração do CIEE e da Academia Paulista de Letras Jurídicas.



Ruy Martins Altenfelder Silva

a consciência do Ser negro

Por Marcelo Candido*

O Brasil avança na consolidação de uma sociedade igualitária. Os índices de desenvolvimento do País alcançados pelo governo Lula não apenas beneficiaram os mais pobres, mas também os afrodescendentes e os negros que, em sua maioria, ainda integram a base da pirâmide social.

A ascensão econômica, no entanto, não pode estar desvinculada da plena consciência do que significa ser negro no Brasil. Do que significa chegar a postos de comando em um País onde a população negra enfrenta a dura e árdua batalha contra o preconceito. Como nossos ancestrais que lutaram pela liberdade, hoje os negros lutam pela cidadania plena.

Lula esteve recentemente em Suzano na inauguração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Ao discursar, disse que os

investimentos de seu governo no setor possibilitaram aos considerados cidadãos de segunda classe não se contentarem em serem pedreiros e a sonharem com uma profissão. "Nós queremos ser engenheiros, professores, médicos", disse o Presidente.

E o que querem os negros? Ser aceitos pela elite branca que sempre menosprezou o operário? Ou pela mídia preconceituosa e raivosa que insiste em desqualificar os pobres e suas convicções? Ou realmente exigirem da sociedade o reconhecimento da importância histórica dos povos africanos no País?

A celebração da morte de Zumbi em 20 de novembro serve como reflexão e (re) tomada da consciência do ser negro. A atriz Taís Araújo protagonizou recentemente uma propaganda na qual solicita que, ao

receber o Censo 2010, as pessoas se identifiquem como de cor preta. Esta publicidade é emblemática. Mostra que não basta avançarmos economicamente. Ocupar espaços antes destinados à elite branca faz parte da luta, mas ela precisa estar acompanhada da Consciência Negra. Do que de fato isso significa. Não é rancor. É reforço da autoestima e do orgulho de sua origem. Ainda temos um grande caminho a percorrer.

O dia da Morte de Zumbi precisa ser celebrado com reflexão. A questão racial não é moda. Não é discurso politicamente correto. É condição para que nosso País avance no processo democrático e no respeito a quem também construiu e continua a construir esta Nação.

* *Marcelo Candido, Prefeito de Suzano/SP.*

Marcelo Cândido



O novo quilombo de Zumbi

*Por Dr. Hélio Silva Jr. **

Desde o dia 21 de março de 1997 o “Panteão da Pátria e da Liberdade”, localizado na Praça dos Três Poderes, em Brasília, passou a abrigar um nome diferente na galeria dos Heróis Nacionais: Zumbi dos Palmares.

O nome é composto de uma expressão de origem quimbundo, “nzumbi”, que quer significar “espírito imortal” acrescida de uma referência ao maior quilombo brasileiro, o Quilombo dos Palmares, localizado em Alagoas, que entre 1595 a 1695 chegou a abrigar cerca de 30 mil negros fugidos do escravismo.

Chefe guerreiro assassinado no dia 20 de novembro de 1695, Zumbi tornou-se símbolo das lutas dos negros por dignidade e igualdade – conforme consta na biografia exibida no Panteão dos Heróis Nacionais.

A saga e a bravura dos quilombolas palmarinos inspiraram um escritor baiano, Edison Carneiro, a publicar em 1947 um livro intitulado “O Quilombo dos Palmares”, que por sua vez inspirou uma entidade negra gaúcha a propor a instituição do Dia Nacional da Consciência Negra. Em 20 de novembro de 1971, o “Grupo Palmares”, liderado pelo es-

critor Oliveira Silveira, realizava em Porto Alegre, no Clube Náutico Marcílio Dias, o primeiro ato público em homenagem à luta e à memória de Zumbi dos Palmares.

Anos depois, em 1978, entidades negras de todo o país reuniam-se em Salvador/BA e aprovavam uma deliberação do Movimento Negro Unificado no sentido de lutarem para o reconhecimento de Zumbi como herói nacional e a instituição do dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

Uma década e meia depois, mais precisamente em novembro de



Hélio Silva Jr.

1995 os principais jornais do país registravam a mais notável manifestação contemporânea de rua organizada pelo Movimento Negro brasileiro: a “Marcha Zumbi dos Palmares, Contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida”, que em 20 de novembro daquele ano reuniu cerca de 30.000 (trinta mil) pessoas em Brasília, ocasião na qual os coordenadores do evento reuniram-se com o Presidente da República, entregando-lhe um documento pactuado entre as principais organizações e lideranças negras do país. No documento da “Marcha” pode-se ler: “Não basta, repetimos, a mera abstenção da prática discriminatória: impõem-se medidas eficazes de promoção da igualdade de oportunidade e respeito à diferença. (...) adoção de políticas de promoção da igualdade.¹

A “Marcha” representou não apenas um promissor momento de ação unificada do conjunto da militância, como também marcou a eleição da proposta de políticas de promoção da igualdade como um tema de consenso no discurso da liderança negra. A pressão das entidades negras fez com que o país passasse a adotar políticas de inclusão de jovens negros no ensino superior, hoje

implementadas por mais de 90 instituições de ensino superior de todo o país, com resultados extraordinários em termos do desempenho dos alunos negros e brancos pobres beneficiados pelos programas.

Ainda em homenagem à luta dos palmarinos merece registro que em

2003 o Reitor José Vicente, numa iniciativa corajosa, ousada e própria dos líderes visionários inaugurava a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, instituindo um espaço acadêmico único na América Latina voltado para a inclusão, a formação e o desenvolvimento de talentos dentre jovens negros e brancos pobres.

Neste ano de 2010, mais de 400 municípios de todo o país, dentre os quais São Paulo, Guarulhos e Santo André, além dos estados do Rio de Janeiro, Mato Grosso e Alagoas estarão mais uma vez celebrando a memória do herói nacional guardando o dia 20 de novembro como feriado cívico.

“O mais possível novo quilombo de Zumbi”, como diz Caetano Veloso na música “Sampa”, paulatinamente vai ganhando a mente e o coração de todos os brasileiros. ■

* Dr. Hélio Silva Jr. é Coordenador do Curso de Direito da Faculdade Zumbi dos Palmares, Advogado, Mestre em Direito Processual Penal e Doutor em Direito Constitucional. Ex-Secretário de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania de São Paulo, Diretor Executivo do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT.

¹ Por uma Política Nacional de Combate ao Racismo e à Desigualdade Racial: *Marcha Zumbi Contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida*. Brasília: Cultura Gráfica e Editora Ltda. 1996, pp. 23 e 26.

Aguardando
Anúncio
Colégio
Zumbi

Ao longo de sua história, o Banco do Brasil se consolidou como uma empresa a serviço do País, tanto no que se refere ao crescimento econômico, como ao desenvolvimento humano e social das comunidades onde atua e com as quais se relaciona.

As questões relacionadas à promoção da igualdade e valorização da diversidade têm sido tema constante na pauta de fóruns internos promovidos pela nossa Empresa, por meio dos seus diversos canais de comunicação.

O engajamento do Banco do Brasil com a temática da Responsabilidade Socioambiental resultou na edição de sua “Carta de Princípios”. Dentre seus 14 itens destaca-se o de repelir preconceitos e discriminações de gênero, orientação sexual, etnia, raça, credo ou de qualquer espécie.

As questões relacionadas à promoção da igualdade e valorização da diversidade têm sido tema constante na pauta de fóruns internos promovidos pela nossa Empresa, por meio dos seus diversos canais de comunicação.

Atento às necessidades da sociedade, o Banco do Brasil tem atendido demandas de entidades que representam comunidades negras. A Fundação Banco do Brasil, no âmbito do Programa BB Educar, contribui para o desenvolvimento socioeconômico de comunidades remanescentes de quilombos, tendo como foco o desenvolvimento social, econômico e ambiental e a preservação dos valores culturais de seus integrantes, potencializando os resultados de outras ações voltadas para a sustentabilidade dessas comunidades.

Nos últimos seis anos, o BB Educar atuou em mais de 290 comunidades, alfabetizando 6.011 pessoas remanescentes de quilombos. Além disso, duas estações digitais foram instaladas nas comunidades de Cavalcante, no Estado de Goiás e Amarante, no Piauí, de um total de 316 estações digitais existentes.

A diversidade cultural está presente na estratégia Desenvolvimento Regional Sustentável – DRS do Banco do Brasil, modelo de negócios que gera trabalho e renda de forma inclusiva e participativa.

A atuação do DRS nas áreas urbanas e setores de comércio e serviços engloba e beneficia, de maneira significativa, a população negra residente nesses locais. Atualmente, quase 10 mil beneficiários estão sendo atendidos pela estratégia.

Participar da homenagem ao Dia da Consciência Negra demonstra mais do que uma preocupação da Empresa com esse importante segmento social, significa reconhecer a ação de pessoas de todas as raças que lutam pela in-

clusão do negro na sociedade brasileira.

Instituição socialmente responsável e comprometida com a promoção da justiça, igualdade e inclusão social, Banco do Brasil, celebra o dia 20 de novembro reivindicando o valor da cultura negra.

A consciência negra está em todos nós, em nossas origens e na essência de nosso País. ■

* Aldemir Bendine, presidente do Banco do Brasil

consciência negra está na essência de nosso país

Por Aldemir Bendine*

Aldemir Bendine

descendo morro

Por Mônica Santos, da Redação

O morro

Natural do Rio de Janeiro, o garoto carioca, que nasceu na baixada fluminense e foi criado no morro do Vidigal, depois de 15 anos de trajetória, vem se destacando no cinema e na televisão. O talento do ator Marcello Melo já pôde ser visto nos filmes *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles e *Última Parada 174*, de Bruno Barreto. Mas foi mesmo em 2009, na interpretação do personagem Benê, em *Viver a Vida*, novela de Manoel Carlos na TV Globo, que ele ganhou visibilidade. “Foi importante participar do núcleo de atores negros da Globo devido à minha trajetória de vida. Eu venho da comunidade. Foi uma oportunidade grande pelo fato da Taís Araújo ter sido a primeira protagonista negra da emissora no horário nobre e eu poder confraternizar e compartilhar esse momento, que é de grande expansão. Fiquei um pouco receoso e ansioso pela questão do personagem e também por não ter muito envolvimento com televisão. Então, procurei me dedicar bastante e gostei de ter feito e de ter todo reconhecimento do público. Foi muito legal”, conta. Atualmente seu talento pode ser confe-

rido em *Malhação* ao interpretar o goleiro Maicon. Atuação que lhe rendeu a indicação, pelo segundo ano consecutivo, na categoria de Melhor Ator pelo Troféu Raça Negra 2010.

Foi no Vidigal que o ator descobriu a arte e costuma dizer que foi paixão à primeira vista. O que no começo parecia apenas uma identificação, pelo fato de aos sete anos de idade ir morar com o pai e vê-lo atuar, agora é a profissão que decidiu seguir. Em cada resposta, durante a entrevista, era claro o tom de orgulho de ter começado no grupo de teatro “Nós do Morro” e hoje poder mostrar com seu trabalho os bons frutos que o projeto social tem gerado tanto na vida dele, quanto daqueles que querem e conseguem mudar o seu destino, quando muitos estariam fadados a viver na criminalidade. “No começo era mais um lugar onde eu pudesse fazer o que eu gostava e, ao mesmo tempo, que eu poderia brincar e estudar. Às vezes, eu ia para o colégio e meus amigos da escola não tinham assuntos tão interessantes quanto a galera, o pessoal do teatro e fui me envolvendo em outros projetos de acordo com o que o “Nós

do Morro” foi se associando. A gente já tem acesso a teatro, cinema, televisão e música. Tudo começou com o teatro e ampliou. É bacana, você tem a oportunidade de fazer coisas novas”, comenta.

Marcello Melo explica que para fazer o Benê passou de duas a três semanas com a preparadora Patrícia Carvalho. Um verdadeiro laboratório. E destaca que foi bem interessante, “porque ela faz com que você conheça um personagem, no qual você não tem muita referência. Ela trabalha todo estado físico e mental. Até mesmo de chegar lá no local de ensaio e entrar no personagem e ao mesmo tempo se envolver com ele, se doar. E depois de todo desgaste físico, a gente centrar, voltar a si e falar um pouco do trabalho, principalmente, por ser um personagem como ele era, de personalidade forte e que tem uma característica que é totalmente diferente da minha”. O que acabou se tornando um desafio, no qual o ator ressalta ter aprendido muito.

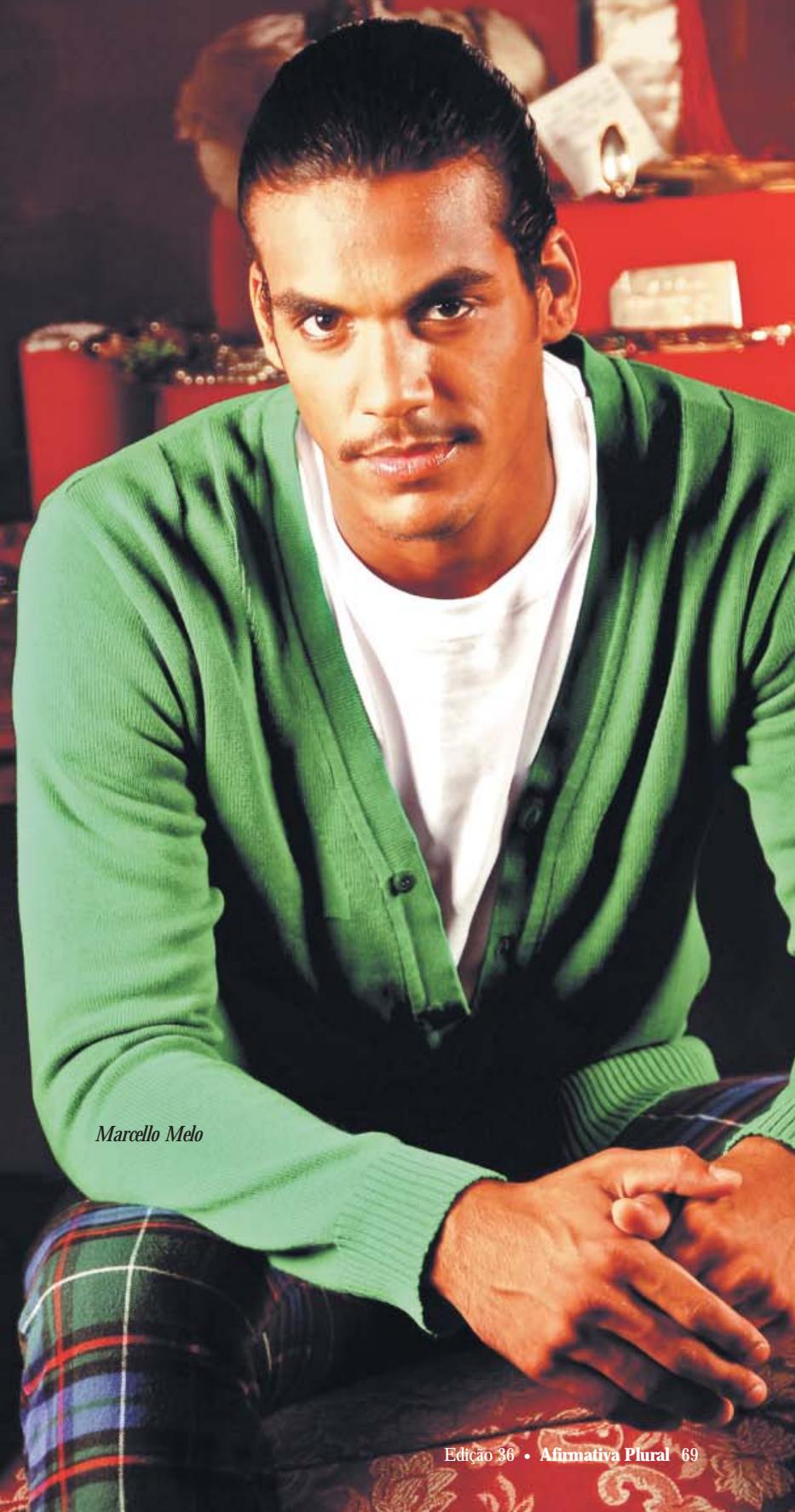
O personagem do ator em *Viver a Vida*, assim como no filme “Última Parada 174”, mostra o dia a dia de um bandido que fica na mira dos

traficantes do morro e da polícia, papel comum à maioria dos atores negros. Para Marcello, mostrar esse estereótipo não tem nada de negativo. Mesmo que ele não tenha identificação com o personagem Benê, há pessoas que ele conhece que são assim. "Faz parte da comunidade" e vai mais fundo, "Não temos que ser hipócrita e falar: 'ah, não, não tem'. Claro que tem. Felizmente, não é uma opção nossa. É de cada um. Mas a gente, que vem lá de dentro, que tem força de vontade, que quer trabalhar e mostrar que também quer seu lugar ao sol, que quer ter seus direitos, a gente faz um pouco disso. Tentamos mostrar com o nosso trabalho, que dentro da comunidade existem pessoas, como em qualquer outro lugar que têm caráter e as que não têm."

Durante a novela todas as cenas foram gravadas dentro da própria comunidade, o que na opinião do ator mostra a mudança de comportamento dos autores e isso dá mais realidade às cenas. "Acho interessante você tocar no assunto e mostrar, mesmo porque a novela não é escrita, por quem vem de dentro da comunidade. É um ponto de vista dele sobre aquele universo. Então, assim, eu acho bacana porque eu, como ator, quando comecei a interpretar o personagem também procurei doar um pouco do que eu conheço lá de dentro", disse.

Marcello Melo já pensa em voltar à TV, mas no momento se prepara para um filme e faz shows com sua banda Melanina Carioca, formada com outros integrantes do "Nós do Morro". No repertório, muito svingue brasileiro e black music americana. As apresentações acontecem nas baladas do Rio de Janeiro. ■

Foto: Nina Franco



Marcello Melo

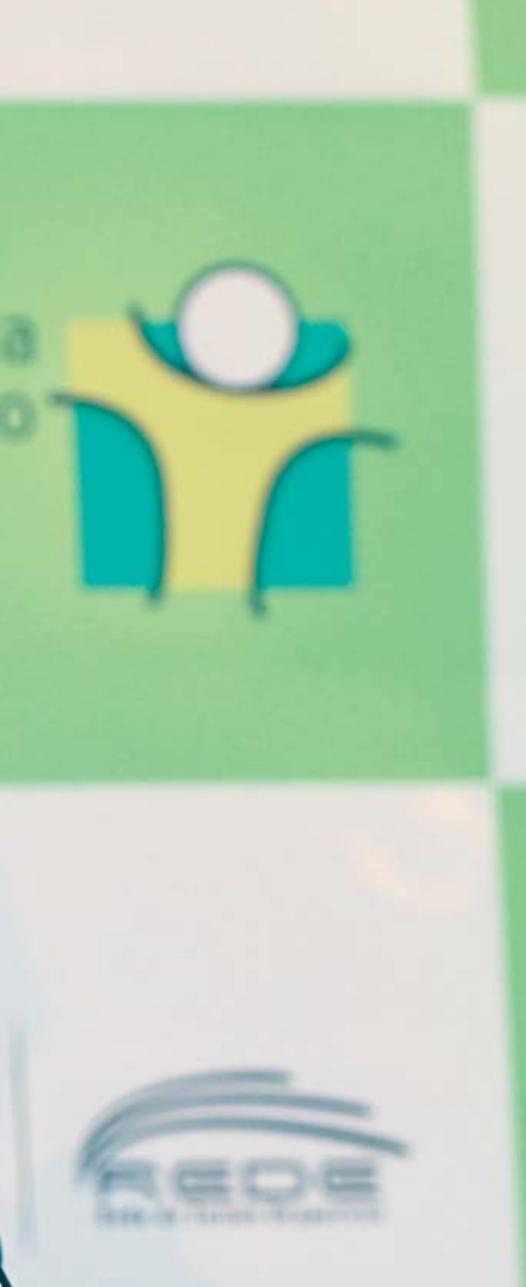
Programa
Esportivo
Lúdico
Escolar

Programa
Esportivo
Lúdico
Escolar



aos 70 anos, Pelé pede
mais educação

Por Rejane Romano, da Redação



Exatamente no Dia dos Professores, o professor Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, formado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física de Santos (FEFIS), realizou o lançamento do Programa Esportivo Lúdico Escolar (P.E.L.E.), que busca revolucionar a educação física nas escolas.

Associar-se a um projeto desta magnitude converge com a própria história de vida do Rei Pelé onde a educação sempre foi uma premissa. Durante a coletiva de imprensa para

o lançamento do P.E.L.E., na capital paulista, o Rei do Futebol relembrou o quanto para sua família, mais especificamente seu pai, a educação era considerada prioridade. “Quando nos mudamos de Três Corações para Bauru, meu pai impôs que somente se eu estudasse e tivesse boas notas poderia disputar os torneios de futebol de rua”, lembra Pelé.

O programa idealizado pelo Rei do Futebol tem como foco principal a inclusão social por meio da promoção da atividade esportiva. Com uma ferramenta inovadora as escolas poderão trabalhar de forma interativa e em rede os conceitos de vários esportes linkando com matérias de disciplinas regulares. Por exemplo, numa aula virtual de Vôlei o aluno irá aprender sobre conceitos de química e de física.

Além de enfatizar os benefícios da prática esportiva, mostra as possibilidades profissionais relacionadas ao esporte, seu papel no convívio social, regras e técnicas dos esportes escolhidos pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) para as Olimpíadas Escolares, e estimula comportamentos implícitos em seus princípios como o respeito ao próximo, o trabalho em equipe, a competitividade, o autocontrole, a disciplina e o companheirismo. “Com a ajuda de um time de campeões, eu realizo um grande sonho da minha vida, que é contribuir de forma lúdica e eficiente para um futuro mais seguro, saudável e promissor para as crianças e adolescentes de nosso País”, conta o rei do futebol.

Somente alguém que é uma das “marcas mais conhecidas no mundo”, que inclusive já parou uma guerra quando ainda jogava pelo Santos

Futebol Clube, tem a possibilidade de mudar o conceito de Educação Física no Brasil, tornando o país mais competitivo em disputas internacionais.

O P.E.L.E é uma ferramenta de apoio ao professor e ao aluno, que inclui videoaula, material de suporte impresso e site interativo de apoio virtual, que compreende textos e atividades lúdicas. Todo o conteúdo foi desenvolvido com a supervisão de uma equipe multidisciplinar da REDE – Rede de Ensino Desportivo, composta de professores *experts* do mundo esportivo. O programa tem ao todo 12 temas diferentes, sendo que cada um aborda um aspecto do universo esportivo em dois módulos.

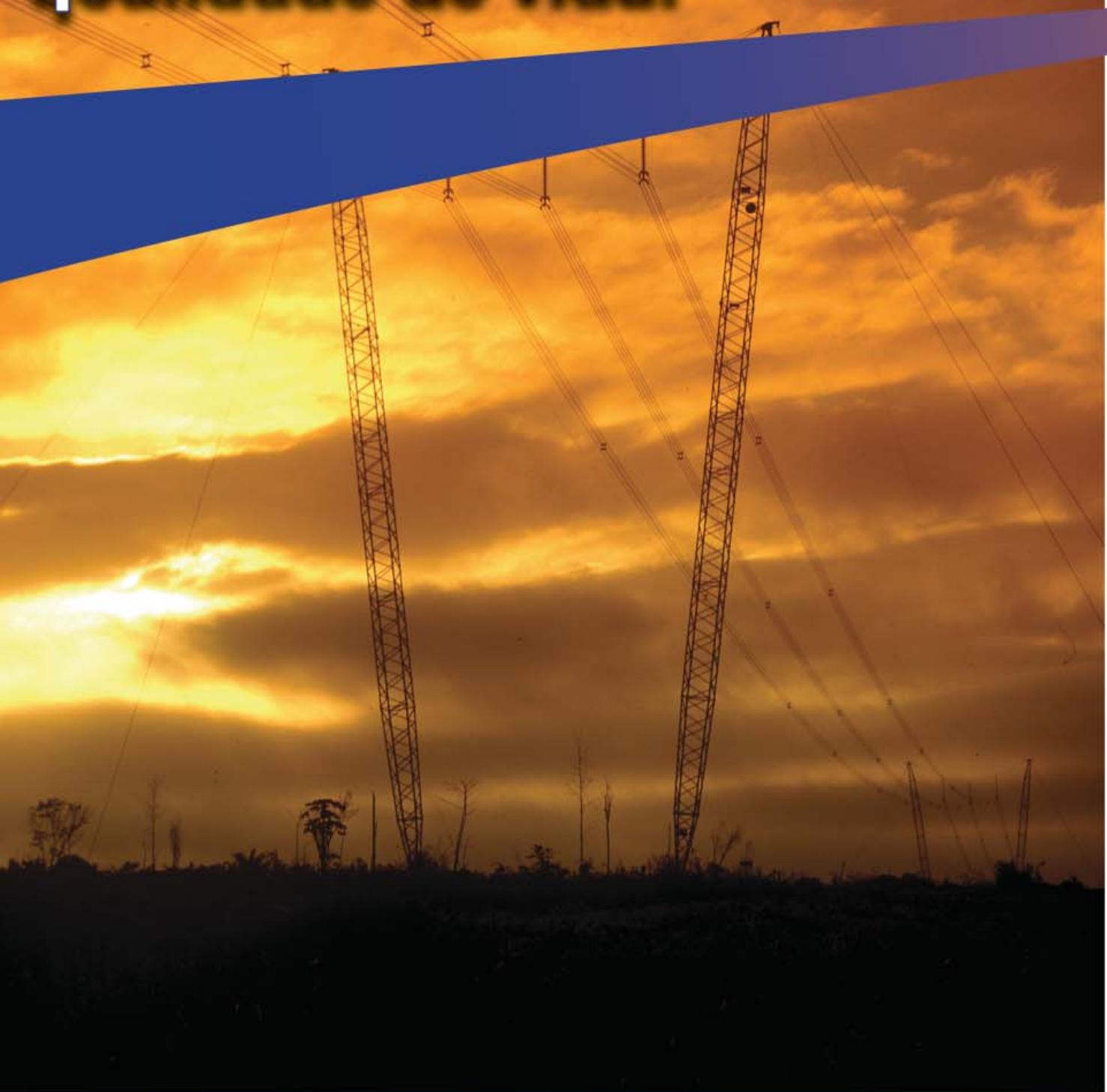
Os módulos são administrados pelos próprios professores em sala de aula, que passarão antes por uma capacitação.

Os 12 temas que compõem o programa apresentam linguagem e conteúdo próprios para seis diferentes faixas etárias, que compreendem todas as séries do Ensino Fundamental e o 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Há expectativa de que o programa seja adaptado para as universidades futuramente. “Desde a primeira vez que fui para os Estados Unidos aprendi que os grandes craques saem das Universidades e quero trazer isso aqui para o Brasil”, afirma o atleta do século.

À frente da comissão responsável pelo conteúdo pedagógico, estão os Professores Fernando Lobo e Luiz Delphino. “Deus sempre me coloca para jogar em time vencedor”, explica Pelé se referindo a equipe.

O atleta, que completou 70 anos no mês de outubro, atribui o ótimo estado de saúde à prática de esporte. ■

**Transmitir energia é distribuir
qualidade de vida.**





A TBE é um conjunto de nove concessionárias de transmissão de energia elétrica, atuando nos estados do Pará, Maranhão, Santa Catarina, Mato Grosso e Minas Gerais, com instalações que possuem cerca de 3150 km de linhas de transmissão e 27 subestações.

Transmitindo energia e desenvolvimento

Réveillon das mil e uma noites



Falta pouco para a chegada do Réveillon e há opções de começar 2011 em grande estilo. Sol, muita animação e natureza deslumbrante compõem o visual das Cidades Africanas.

Da Redação

Na África, terceiro continente mais extenso do planeta, há cidades turísticas que muitas pessoas não conhecem ou que simplesmente nem sabem que existem. Uma das opções para passeios é uma nova experiência explorando uma das regiões mais populosas do mundo. É uma oportunidade de conhecer toda a diversidade étnica e cultural de cidades como Cidade do Cabo, Durban e Mossel Bay (África do Sul), Dakar (Senegal), Inhambane e Maputo (Moçambique), Walvis Bay (Namíbia), entre outras.

Para aproveitar todo este visual paradisíaco de maneira ainda mais atraente uma boa opção são os Cruzeiros Marítimos oferecidos pela MSC Cruzeiros na África nas opções Melody e Sinfonia. Jogos, jantar de gala, apresentação de musical, baile, show de talentos, festas e mais festas... Normalmente são estes os atrativos dos cruzeiros, além de piscinas, academia e todo conforto de um hotel sobre "as águas".

Então, pegue sua roupa de banho, trajes de festa e se prepare para o Réveillon dos seus sonhos.

Ainda quanto a opção de cruzeiros já pensou em passar três noites pelo tão famoso rio Nilo, no Egito? Este é um dos pacotes **da ByTravel/Europamundo**.

O Egito, uma das culturas mais importantes para a história da humanidade, também abriga a maior cidade da África: o Cairo, que hoje abriga uma população que supera os 16 milhões de habitantes.

É justamente pelo Cairo que começa o roteiro, que tem ao todo sete dias. Depois de um dia livre pela capital, o segundo dia começa com um tour no interior das famosas pirâmides de Queops, Quefren e Miquerinos, seguido de visitas à Esfinge esculpida em rocha, ao Instituto do Papiro, ao Museu Egípcio (onde se encontra os tesouros da Tumba de Tutankhamon), à Cidadela de Saladino e à Mesquita de Alabastro.

Já o terceiro dia, com saída de Aswan e com duração de três noites, reserva em seu trajeto visitas ao Templo de Isis, ao Templo de Kom Ombo, ao Templo de Horus, à Necrópolis de Tebas, Vale dos Reis, Templo de Karnak e Luxor, dentre outros monumentos. Uma festa temática na última noite faz o desfecho do passeio pelo Nilo. Folclore egípcio e danças beduínas fazem parte da programação da festa.

De volta ao Cairo, a programação continua à noite com uma visita ao espetáculo de luz e som nas Pirâmides de Gisé, uma magnífica apresentação que marca o final do passeio e início da viagem de volta, que acontecerá na manhã seguinte. Uma viagem para ficar na história. ■



Templo de Luxor.



Piscina do navio de cruzeiro MSC Melody.



Mar Morto.



Camelos para expedições no Egito.

O cárcere feminino é negro

Por Ana Luiza Biazeto*

Foto: © Andrejs Zandberg/Stockphoto



A mulher negra ainda representa 48,5% da população feminina - mesmo com aumento da proporção de negros na população brasileira nos últimos 15 anos - , enquanto a mulher branca chega a 50,6%, de acordo com a pesquisa de 2008 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), intitulada Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça. Contradictoriamente, esta minoria de mulheres representa cerca de 60% da população prisional feminina no país.

O Sistema de Informações Penitenciárias (InfoPen), referente à dezembro de 2009, aponta que há nas penitenciárias brasileiras 24.292 mulheres¹. Destas, 14.490 são consideradas “negras” ou “pardas”², as demais se dividem em 9.412 brancas, 124

amarelas, 35 indígenas e 243 são “outras”, que não correspondem a nenhuma cor de pele/etnia mencionada.

No Estado de São Paulo, “negras” ou “pardas” são mais de 50% do total de mulheres presas. Das 7.605 mulheres presas em peniten-

ciárias do estado, a maioria delas tem entre 18 e 24 anos, cursou o ensino fundamental incompleto, foi presa por tráfico de entorpecentes e vem de áreas urbanas de municípios do interior.

Esse é o retrato da mulher presa



Ana Luiza Biazeto

no país, que os veículos de comunicação pouco dão visibilidade, afinal agem como significativa parte da população, tratando-as como verdadeiras escórias da sociedade ou apenas sujeitos invisíveis.

Enquanto a mídia não dá conta desta temática, as estatísticas mostram a cor do cárcere e é este um ponto de partida da pesquisa “A diferença está na pele? – depoimentos de mulheres negras e brancas presas na Penitenciária Feminina Sant’Anna”³, realizada na maior penitenciária feminina da América Latina, na cidade de São Paulo, com população de aproximadamente 2.700 presas.

Dentre outros aspectos, a cor da pele como marca e o preconceito foram os itens principais que emergiram dos depoimentos. A diferente

percepção do que é preconceito/discriminação para mulheres brancas e negras foi evidenciada através de seus discursos. As mulheres de pele clara entenderam-no como marcas de egressa do sistema prisional ou, então, de envolvimentos com o crime.

“Percebi quando saí da primeira cadeia. Você vai em festa de família, sempre tem comentário, ficam perguntando ‘ah, como que é lá?’. O que mais dói não é nem falar pra gente, é pro nossos filhos. Amiguinhos da minha filha falaram que ela não tinha mãe, só avó, porque a mãe nunca tinha ido em reunião”, diz G., 30 anos, que considera-se branca, presa por roubo na primeira vez e, mais recentemente, por tráfico de entorpecentes.

As mulheres negras, que não podem esconder suas peles escuras, e, portanto, o passado escravagista, definiram como preconceito vinculado à cor da pele, racismo, vivenciado antes mesmo do cárcere. “As meninas chamavam a gente [irmãs e ela] de macaca, tição, pretinha. Nas rodinhas de meninas da escola, só tinham brancas. A gente chegava e elas se afastavam. Falavam que a gente tinha piolho, que era neguinha do cabelo duro. Dava para contar no dedo as crianças na escola que tinham a minha cor”, conta M., 24 anos, que se considera negra, presa por tráfico de entorpecentes.

M. evidencia que a questão estruturante é, acima de tudo, racial e mascarada pela democracia racial em voga há décadas no país. A partir dos números apresentados no início deste

texto, é importante ressaltar que a presença do negro no sistema prisional se dá de longa data, com mutações de acordo com os códigos de leis que regiam épocas e que, segundo Flauzina⁴, a consolidação do sistema penal começou na biografia da escravidão negra, e é na lógica da dominação étnica contemporânea que continua a operar em seus excessos.

Constata-se que os estereótipos a respeito da mulher criminosa contemporânea, sendo a maioria negra, bem como a maioria das características deste instigante universo prisional, foram construídos e perpetuados simultaneamente à trajetória da construção do Brasil, da cultura brasileira.

Neste vasto cenário intempestivo, a mulher brasileira negra e presa representa mais um desafio especial, que, para ser superado, precisa ser visto, analisado e tido como objeto de ação do Estado e da sociedade civil, aqueles que atuam diretamente com as políticas sociais.

A proposta amplificada deste estudo visa elucidar aspectos que associam a população prisional feminina brasileira e buscar (re)construir uma identidade feminina, mesmo que atrás das grades. No que concerne à mulher negra, (re)construir uma identidade feminina e negra, de aceitação própria, para o progresso e avanço próprio e das filhas, que necessariamente demandam ser fortalecidas e presentes na história brasileira e de suas próprias vidas. ■

*Ana Luiza Biazeto, jornalista, pesquisadora e mestre em Serviço Social.

Foto: Arquivo pessoal



As irmãs L., 26 anos, e M., 24 anos, se reencontraram na Penitenciária Feminina Sant’Anna, após quatro anos sem notícias.

¹ Há, contudo, uma divergência entre o número total de mulheres no sistema penitenciário, equivalente a 24.292, e o encontrado na soma das mulheres divididas por cor de pele/etnia, que é de 24.304.

² No indicador “Quantidade de presas por cor de pele/ etnia”, utilizado pelo InfoPen, são usados os termos negra e parda ao invés de preta e parda, como propõe o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Interpretou-se, portanto, que negra foi equivocadamente entendida como sinônimo de preta.

³ Dissertação de Mestrado em Serviço Social, pela PUCSP, defendida pela autora do artigo.

⁴ Flauzina é advogada e historiadora, especialista em Sistema de Justiça Criminal, mestra em Direito e docente.

Afirmativa é

um fórum onde personalidades de todos os matizes políticos, raciais, sociais e religiosos discutem a integração e o desenvolvimento do negro na sociedade. **SE VOCÊ CONCORDA, ASSINE EMBAIXO.**



Desejo fazer uma assinatura da revista Afirmativa.

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Se preferir, ligue para 0xx11 3229-4590 ou acesse www.afrobras.org.br

Assinatura por 1 ano (6 edições)

R\$ 49,00

Assinatura por 2 anos (12 edições)

R\$ 86,00

a (re)invenção do negro movimentando a história

Por Flávia Virgínia*

O início do século XXI baliza, para a população afrodescendente do Brasil, alguns avanços em direção à liberdade. A Faculdade Zumbi dos Palmares, iniciando suas atividades em 2004, é um marco da matriz educacional, assim como as leis sancionadas neste Julho de 2010 em prol da ampliação do pensamento inclusivo o é na matriz sócio-política.

Os movimentos que vêm a pensar essa condição surgem na América Latina desde o começo do século passado, com força especial na Colômbia, Uruguai Venezuela, além do Brasil. Nestes países, um pouco mais, um pouco menos, foram ganhando corpo, mudando de nome, aumentando o alcance, adicionando demandas, alargando a autoconsciência, sempre em busca de reorganizar a vida, a contribuição e o sentido desta população na sociedade em que se encontra.

Mas talvez seja preciso revisar um pouco os acontecimentos do passado para que se possa configurar um novo presente. Se não pensarmos na história do continente americano, será difícil mesmo falarmos de negros de uma maneira geral. Negro – a raça – é a criação européia de uma categoria política com um fim político. Negro não é simplesmente quem veio da África; se assim fosse, não seriam nem chamados nem classifi-

cados de negros seus descendentes aqui vindos à luz séculos depois. Caso o termo “negro” não fosse uma categoria política, os nascidos no Brasil, independentemente da cor, seríamos apenas brasileiros. É importante perceber que do surgimento dessa categoria é que se torna possível a uma organização político-espacial intitulada Europa constituir-se como um todo único (que não era, anteriormente) e pleno de direitos de exploração sobre povos e terras alheios, a quem, por isso mesmo, chamou “o outro”, escravizando-o, destituindo-o, alienando-o. Não que não houvesse escravos antes na história. O que não havia é a deposição das suas pessoalidades da forma institucionalizada como se deu por aqui.

A América Latina – evento criador, portanto, da modernidade – e essa parte de sua gente, os negros, não terá ainda despertado totalmente para este fato de dupla significação: primeiro, a da construção de toda uma era, um corpo conceitual, um modo de ver o mundo, edificado sobre a noção de uma raça que seria, por sua simples constituição, digna de inferiorização.

Em seguida, vemos que, enquanto na África há africanos, é aqui nestas terras nossas que se instaura o advento do “negro”, a quem configuram precisamente as seguintes con-

dições: exílio, escravatura, racificação, destituição da memória, miscigenação, nacionalização. Neste processo, não há volta atrás; isto é, jamais deixaremos de ser brasileiros, colombianos, venezuelanos; e o caminho para frente não é, tampouco, a emigração de volta para a África, pois tamanhas são as diferenças que nos constituem. Seu processo é bem outro – ainda que igualmente sangrento. O africano perdeu família, mas nem por isso se miscigenou; teve seu povo dividido em linhas arbitrárias na convenção de Berlin de 1885, embora tenha mantido, ainda assim, a sua língua; foi inferiorizado e destituído em sua própria terra, e trabalha até hoje para restituir os danos desses feitos.

A consequência dessas diferenças entre mãe e filha é a linha com que nós, a filha, costuramos nossa história: Latinoamérica. Assim sendo, é aqui mesmo, nestas nossas terras que deve/pode instituir-se esse ser, o negro, já de posse do seu relato, como quem busca para si um novo devir, próprio, único, sujeito a erros e acertos, os quais serão por ele mesmo classificados, revistos, consertados.

É bem verdade que ainda falta um bocado para uma concretização ótima: população negra produzindo em um ambiente igualitário de oportunidades, direitos e distribuição de bens, tangíveis e intangíveis. No en-

tanto, aprendemos todos a duras penas que a igualdade não é um ideal simples, especialmente se não está no nascedouro mesmo da nação.

Podemos observar que a negritude é, acima de tudo, um processo temático, que inclui uma noção nova de História, uma Geografia, uma Pedagogia, uma Cosmovisão que não termina no passado, mas, antes, se perpetua ao infinito, e que tem uma localização específica – não como um grupo excluente de países, mas como um laço incluente de excluídos –, que é esta Latinoamérica que nos une.

E daí teremos meios, quiçá, de perguntar: afinal, para que sermos negros? Qual a importância de manter o uso dessa categoria política, se não for para oferecer aos que dela padecem condições de alterar o seu próprio destino histórico? Por que identificar-se com a dor e nela eternizar-se, em vez de acolhê-la como algo que está no nosso passado e que não permitiremos que configure nosso destino histórico? Ou, melhor ainda, a que nível de liberdade nos damos o direito? Apenas de não sermos escravos, talvez, para nos mantermos “dócentinhos”, isto é, sempre capazes de agüentar as outras atrocidades oriundas de uma “desescravização” a fórceps lento? Afinal, quantos de nós somos ainda analfabetos, não só nas letras, mas no acesso profundo à cultura do próprio país a que nos habituamos a chamar de nosso? Em quantos índices de desenvolvimento humano figuramos como o pólo pior que permite classificar pessoas em pobres e ricas? Ou, ainda mais significativo, quantos políticos negros preparamos nos nossos países com negros?

É na compreensão dessa dimensão que o simples fato, ainda que “atrasado” (diante do calendário ideal), das sanções de Julho torna-se pedra angular na constituição de um Brasil mais pleno de pessoas. Mas, cuidado, pedra angular significa apenas pedra. O que será feito dela é item que exige atenção perene. Terá ser-

Foto: Arquivo pessoal



Flávia Virginía

vido para unificar a movimentação em torno da nossa temática? Seremos capazes de levá-la adiante em nossas conversas com os jovens, esclarecendo pontos para que eles conheçam seus novos direitos? Em outras palavras, estaremos nos abstendo do afaizer político em troca do falar (mal) da política? Estaremos mesmo em condições de abandonar o navio?

O que quer que venhamos a fazer daqui para frente tem que significar união, troca, entendimento, abertura, política. Nada existe que não seja dentro dela. A raça e o advento americano foi uma ação política. A Faculdade Zumbi dos Palmares é um

ato de coragem política. As sanções de Julho o são também. Este texto e esta revista. O hoje, como o ontem, é político. Fundamentalmente, pensar que alguém escolherá para si chamar-se negro em vez de qualquer outra coisa é uma atitude de cunho político e seus resultados, como todos os outros, têm que ser traduzidos em políticas públicas para o bem-estar da população de todas as denominações. Fora disso, é a miséria, sempre. ■

**Flávia Virginía é consultora em Inteligência Ética, especialista em Logotéria (filosofia do sentido da vida), pesquisadora em Modos de Conhecer Latinoamericanos.*



Através do mote “sem educação não há liberdade”, a Zumbi tem como objetivo formar profissionais que quebrem barreiras e estejam inseridos no mercado de trabalho. Seja como profissionais bem sucedidos, ou mesmo como empresários.

Elisângela Bastos é aluna do 6º semestre do curso de Direito da Faculdade Zumbi dos Palmares e, mesmo casada e com filhos, apostou na iniciativa da irmã mais nova, Maralice Bastos, e se tornaram sócias em uma empresa que produz acessórios em nylon que vão desde *necessaires*, passando por porta-lenços, até kit para o carro que inclui porta cds e lixeira, ou tudo mais que a imaginação permitir.

Isto porque, a partir da necessidade dos clientes, elas criam peças inéditas no mercado. “Procuramos atender as necessidades das pessoas. Se um cliente disser que precisa de uma bolsa que caiba 5 celulares e um

lugar para colocar o guarda-chuva, vamos fazer um produto específico para este cliente. A partir daí, se identificarmos que há como expandir para os demais, passamos a produzir em série.

Toda essa desenvoltura só foi possível porque desde a infância os pais de Elisângela e Maralice sempre priorizaram a educação. “Na infância tivemos de tudo. Meus pais trabalhavam para nos dar tudo. Para minha mãe o estudo era prioridade. Apesar de estudarmos em escolas públicas, ela sempre procurava as melhores”, conta Elisângela.

A idéia de montar uma confecção partiu de Maralice, a irmã mais nova que desde pequena já demonstrava persistência ao lutar por seus objetivos. A idéia surgiu quando a caçula da família, que já trabalhava com a produção de peças para o vestuário resolveu mudar o foco de seu tra-

lho. “Eu já trabalhava com roupas, mas meu sonho sempre foi trabalhar com bolsas. Então comecei a pesquisar e fiz cursos para ter mais técnica. Até então eu era autodidata, precisava me especializar”, diz Maralice, mais uma vez reforçando a ideia do quanto o estudo se faz necessário para aqueles que têm vontade de crescer profissionalmente. Apesar de já ter o dom para lidar com a produção de acessórios, Maralice entendeu ser imprescindível para a realização de seu sonho o investimento em cursos técnicos.

Daí então surgiu a parceria com a irmã mais velha que apostou na sua iniciativa. “Quando a Maralice parou de trabalhar para se dedicar a este sonho, nós pensávamos ‘meu Deus, será que isso vai dar certo’. Sempre apostamos nela, mas sempre com receio, com medo”, lembra Elisângela.



Da esquerda para a direita: Elisângela Bastos e a irmã Maralice Bastos.

Nascia assim a “Cria da Casa”, que tem uma peculiaridade em seu nome, pois o mesmo foi escolhido porque Maralice, a caçulinha, desde pequena atendia ao apelido de “cria”.

Uma empresa familiar que conta com a ajuda da mãe, Odaléia, da tia, Odete, e do cunhado, Marcelo, esposo da Elisângela que ajuda nas entregas.

A Cria da Casa começou no quarto de Maralice, com o aumento das encomendas, mudou para a sala e hoje tem sede própria. “Era no meu quarto, começou a aumentar então me mudei para o quarto da minha mãe e deixei o meu quarto só para a produção dos artigos. Aumentou

mais ainda e a oficina foi parar na sala, quando não deu mais e já estávamos em melhores condições, adquiri uma casa para a microempresa”.

Atualmente os produtos da Cria da Casa podem ser encomendados às irmãs, enquanto a empresa ainda não possui uma loja. A conquista de novos clientes e a divulgação são feitas por Maralice, que através da exposição dos produtos em escolas, creches, shoppings e empresas faz a venda dos produtos.

A irmã mais velha auxilia nas exposições e com o aprendizado adquirido no curso de Direito. “O curso me ajuda a entender os contratos que temos que fazer e até a

conversar melhor”.

As irmãs buscam o constante aperfeiçoamento, pois a cor da pele, o fato de serem negras faz com que elas tenham que se superar. “Quando fazemos exposições contratamos funcionárias para nos auxiliar nas vendas. Então quando estamos numa exposição que eu já tenha marcado com o cliente pelo telefone, quando ele chega normalmente se direciona à minha vendedora. Talvez porque eu não tenha ‘cara’, nem cor de empresária”.

Por hora, os interessados podem se informar e encomendar os acessórios da Cria da Casa através do fone: (11) 9266-0383. ■



unido pelo Sangue

Por: Daniela Gomes

Pesquisador afro-americano vê na pesquisa sobre o plasma humano uma maneira de trabalhar questões relacionadas a saúde da população negra

Após a diáspora, os povos negros espalhados por todo o mundo continuaram conectados de várias maneiras apesar da distância causada pelo tráfico negreiro.

Essa conexão, que é notada ao se observar a alimentação, manifestações culturais e religiosas e na exclusão social ainda hoje vivida pela população negra, se faz presente também em doenças que atingem principalmente os afrodescendentes.

No Brasil, país cuja população negra representa cerca de 50% do total de cidadãos, o Sistema Único

de Saúde (SUS), que garante atendimento médico gratuito a todos os cidadãos, se uniu a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, para criar uma série de propostas de promoção da saúde da população negra. O programa visa desde a anemia falciforme, doença transmitida geneticamente e que atinge um em cada 500 negros brasileiros, até o combate ao HIV/Aids, pois apesar do país ter um dos melhores programas de combate a doença no mundo, a população negra ainda é a mais atingida.

Primeiro afro-americano a ser proprietário de um centro de plasma (onde o plasma do sangue de doadores saudáveis é coletado para a fabricação de medicamentos), o C.P. Plasma Center (CPPC), Furquan Stafford, tem utilizado desse pioneirismo, para ajudar na pesquisa do tratamento de doenças relacionadas com a população negra e acredita que essa é uma causa que todos os negros deveriam abraçar, já que atinge não apenas os afro-americanos, mas afrodescendentes em todo o mundo.

Em entrevista exclusiva, Furquan

Stafford fala sobre a carreira, pesquisas com plasma, doenças que atingem principalmente a população negra e mais.

Afirmativa Plural – *Qual o caminho percorrido por você, que transformou um garoto que cresceu com dificuldades financeiras em um homem de sucesso?*

Furquan Stafford – Eu nasci em um mundo em que meu pai havia morrido sem me deixar nada e essa foi uma jornada dolorosa. Eu acredito que a maneira como as coisas aconteceram para mim, me impeliu a me esforçar para deixar algo para os meus filhos. Além disso, minha fé em Deus me deu forças para não ver os meus problemas financeiros, mas procurar o favor D'Ele em minha vida.

A paixão que eu tive por aprender sozinho através de livros que chamaram minha atenção e por ouvir o que as outras pessoas tinham a dizer, ir a conferências, acompanhar as notícias publicadas na mídia e ver o que meus mentores podiam me passar, através da indicação de livros, por exemplo, e o período que passei na Universidade Estadual da Georgia, que foi um porto seguro para mim, onde eu pude ver pessoas das mais variadas nacionalidades estudando e isso também me inspirou. Em seguida, a participação no projeto Rainbow PUSH Peachtree, em Atlanta, me colocou em um novo nível, já que pude observar mulheres e homens negros poderosos.

Outra influência importante para que eu me tornasse um homem de negócios de sucesso, é a minha experiência na Igreja Batista New Birth Missionary, onde pude observar o meu pastor, que era um grande líder.

Afirmativa Plural – *Como você escolheu a área da saúde e mais especifica-*

mente, como você começou a trabalhar com plasma?

Furquan Stafford – Minha mãe atuou na área da saúde por 25 anos e foi dessa maneira que a área da saúde entrou na minha vida. Quando eu terminei o ensino médio, um técnico conseguiu uma bolsa para mim em curso técnico na faculdade McCook em Nebraska, onde eu fui o primeiro negro a conseguir um diploma como Técnico em Enfermagem. Então eu planejava ser enfermeiro e trabalhar com emergências, mas após um estágio numa ala de emergências e em um Corpo de Bombeiros, no

|| A luta contra o HIV/AIDS e a Anemia Falciforme é uma tarefa que todas as pessoas negras devem adotar, porque isso afeta o povo negro globalmente. ||

Texas, eu mudei de idéia sobre a minha carreira.

Eu transferi meu curso para a Universidade Estadual da Geórgia e arranjei um trabalho em um centro de coleta de plasma. Em 1994, meu primeiro emprego depois de formado, foi no American Plasma Center, em Houston. Ali eu atuei em todas as áreas do processo de coleta do plasma e me apaixonei pelo negócio.

Então, depois de ser demitido da Sera-Tec em Atlanta, eu não tinha desejo de trabalhar para ninguém e precisava de estabilidade para o futuro da minha família, percebi que essa estabilidade viria de possuir meu próprio negócio.

Afirmativa Plural – *Como você acha que o seu trabalho pode ajudar pessoas ao redor do mundo?*

Furquan Stafford – A luta contra o HIV/AIDS e a Anemia Falciforme é uma tarefa que todas as pessoas negras devem adotar, porque isso afeta o povo negro globalmente. Eu não sei como isso aconteceu, mas eu estou envolvido com Anemia Falciforme, doença que afeta a população negra em todo o mundo. A doença falciforme é uma desordem de sangue hereditária que afeta os glóbulos vermelhos. Do ponto de vista médico, a Imunoglobulina intravenosa (IVIG) é um produto, cuja base é o plasma humano, que está sendo testado nos Estados Unidos. A suposição é que IVIG vai agir rapidamente para reduzir os *flare-ups* e, portanto, os escores de dor, o uso de narcóticos e o tempo de internação para pacientes com anemia falciforme.

Afirmativa Plural – *Você afirma ter uma missão nos últimos 16 anos. Que missão é essa?*

Furquan Stafford – Dr. Charles Richard Drew (1904-1950), o pioneiro do plasma sanguíneo, criou o primeiro banco de sangue móvel da Cruz Vermelha americana e é dado a ele o crédito por salvar vidas através da distribuição de plasma para os soldados feridos durante a Segunda Guerra Mundial. Era a época da segregação e os afro-americanos eram encaminhados para o porão dos hospitais para receber tratamento médico e, por vezes tinham o tratamento médico negado por causa da cor da sua pele.

Quando o Dr. Drew doou seu sangue, a Cruz Vermelha americana separou seu sangue do sangue europeu e como um ato de protesto, Dr. Drew se demitiu do seu cargo na Cruz Vermelha.



Furquan Stafford

Foto: Divulgação

Hoje não vivemos mais na época da segregação e apesar de os afro-americanos serem os principais doadores dessa indústria de bilhões de dólares, não estão representados entre os empresários deste setor.

Minha luta nos últimos 16 anos é para nivelar o campo para a inclusão da diversidade. O Plasma Protein Therapeutics Association (PPTA) é o guarda-chuva para o Plasma E.U. Collection Indústria. Ele fornece informações valiosas sobre a regulamentação necessária para atender aos requisitos da FDA. Mas não têm envolvimento com as operações diárias de seus membros globais. Estes membros globais são essenciais para a indústria americana de coleta de plasma. Eles controlam este setor e decidem quem entra. Essas empresas têm uma cadeia de centros de coleta de plasma nos Estados Unidos e não permitem o empreendedorismo negro.

Conversei com congressistas e senadores a respeito e, o que eu ouvi de todos eles é que, devido ao fato do Congresso americano ter aprovado um projeto de lei que acabou com a ação afirmativa, não há nada que possa ser feito a respeito desta situação.

O que eu acho ofensivo e desrespeitoso com os afro-americanos é que o governo dos Estados Unidos permita que membros desta indústria global, que tem sedes localizadas fora dos Estados Unidos, tenham controle dessa indústria em detrimento dos afro-americanos, que recebem simples migalhas pelas contribuições de sua vida. Para mim, esta é uma forma de escravidão moderna.

Minha empresa C.P. Plasma Center, Inc. (CPPC) e eu temos lutado pela igualdade neste setor, mas ainda não é suficiente. O presidente

Barack Obama representa “mudança” para o país e é necessária uma mudança nesta indústria.

Afirmativa Plural – O Brasil tem um dos melhores programas do mundo na luta contra a Aids e o HIV, que é admirado em todo o mundo. Você acredita que uma troca de experiência entre os nossos países pode ajudar nessa luta?

Furquan Stafford - Com certeza. Eu acho que é hora da comunidade afro-americana olhar além do entretenimento que o Brasil tem para oferecer. E ler e estudar a História do Brasil para descobrir como enfrentamos a mesma luta pela igualdade. Com ambos os países colaborando e utilizando seus recursos em conjunto, creio que muito pode ser alcançado.

Afirmativa Plural – No caso específico da Anemia Falciforme, não há um programa específico no Brasil, pois alguns políticos afirmam que por sermos um país miscigenado, algumas pessoas não negras também podem ter a doença. Você acredita que para combater a doença é necessária a criação de um programa específico para a população negra?

Furquan Stafford - Se você pesquisa a Anemia Falciforme, sabe que é uma doença que afeta apenas pessoas negras. Por isso, eu acredito sim, que deve haver programas específicos e que recursos devem ser alocados para combater esta doença que afeta a população negra no Brasil. Através dos anos, a Associação Americana da Doença Falciforme (Sickle Cell Disease Association of America) tem proporcionado uma liderança eficaz ao posicionar a doença falciforme e os problemas relacionados a ela, como uma preocupação de saúde pública importante e, na verdade um problema universal. ■

Anúncio Vestibular

o pesadelo dos ciganos na Europa

*Por Bruno Konder Comparato**

A bandeira cigana é azul como o céu e o mar, verde como as florestas e as planícies, e vermelha como o sangue derramado durante as perseguições a que foram submetidos ao longo dos séculos. Mas nada é fixo e as cores não são padronizadas, de maneira que os diferentes grupos que compõem a etnia cigana têm inteira liberdade para escolher as tonalidades que melhor lhes agradam. Quanto à roda que ocupa o centro da bandeira, o seu significado varia em função dos grupos. Para os ciganos integrados, quase todos sedentários, ela representa a roda de *Ashok*, também presente na bandeira da Índia, a mãe pátria dos ciganos, e simboliza a evolução permanente da humanidade. Já para os ciganos nômades, ela representa a roda das carroças com as quais perambulam pelo mundo, à procura de sonhos e melhores oportunidades de vida.



Imagem: dRapan / IPA

De acordo com as estimativas mais generosas, haveria 40 milhões de ciganos na Europa, 20 milhões nas Américas, e 25 milhões na Índia. Segundo o historiador Konrad Bercovici, “não há família brasileira em que não se encontre um cigano e nem família cigana em que não haja um

brasileiro”. Se este enorme contingente de ciganos não é visível, é por que o Brasil é o país onde há o maior número de ciganos integrados.

Os valores ciganos de tolerância, liberdade, e amor desinteressado, que podem ser comprovados nos contos e canções que compõem seu riquíssimo patrimônio cultural, incomodam muita gente e estão na origem das perseguições contra este povo. Um dos preconceitos mais difundidos é atribuir aos ciganos atitudes desviantes. Por estarem à margem da sociedades que frequentam, os ciganos nômades



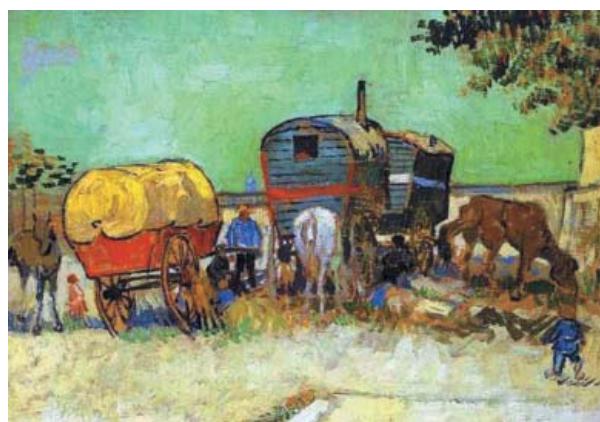
Bruno Konder Comparato



A gravura de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), *Casa de Ciganos*, de 1820 prova que a penetração do povo cigano no Brasil é antiga.

são acusados dos mais variados delitos, como pequenos roubos, tráficos e trapaças de todo tipo, o que é agravado pelas condições precárias em que são forçados a viver.

Nos últimos meses surgiram várias notícias de que o preconceito contra os ciganos tem sido instrumentalizado pelos governos de alguns países europeus que passaram a associar os ciganos ao aumento da delinquência. Com mais de 8 mil expulsões desde o inicio de 2010, o governo francês lidera a atual cruzada contra os ciganos na Europa, o



O holandês Vincent Van-Gogh, que retratou em várias de suas telas os camponeses do seu país natal, pintou um grupo de ciganos no quadro *As carroças - Acampamento cigano perto de Arles* (1888).

plural

que lhe valeu a condenação pública da Comissão Européia, órgão executivo da União Européia, por desrespeitar o direito de livre circulação dos cidadãos europeus. Somente entre 28 de julho e 17 de agosto, o governo francês reconduziu 979 ciganos de origem romena e búlgara para as fronteiras. Destes, 151 foram obrigados a deixar o país pela força, enquanto que os outros 828 foram incentivados a fazê-lo de uma “maneira voluntária” e forçados a aceitar uma ajuda de 300 euros para deixar o país após a destruição dos seus acampamentos pela polícia. Os governos da Itália e da Dinamarca adotam métodos semelhantes e também expulsam abertamente.

Alemanha, Suíça, Irlanda do Norte, Suécia, Áustria e Bélgica são mais discretos, e incentivam o retorno aos seus países de origem de ciganos oriundos de países da ex-Iugoslávia, como o Kosovo, a Sérvia, e a Macedônia. Há alguns países, contudo, que seguem o exemplo da Espanha e praticam uma política de acolhimento e integração dos ciganos, mas sem muito alarde. Mesmo que os nômades sejam apenas uma minoria entre os ciganos, estes fatos recentes não nos deixam esquecer que a semente da intolerância e do preconceito estão em todo lugar. ■

* Bruno Konder Comparato foi professor na Faculdade Zumbi dos Palmares, e atualmente é professor da Universidade Federal de São Paulo.

Aguardando

Anúncio

AfroNews

mais uma chance perdida?

Por Rosenildo Gomes Ferreira*

Quando você, caro leitor, estiver diante desse artigo o resultado completo das eleições já terá sido conhecido. Quiçá teremos até mesmo uma definição do caso dos “fichas limpas”. Eles poderão tomar posse ou não? Como todas essas questões estão no futuro, do ponto de vista de quem dedilha nesse instante o teclado do computador, tratarei apenas do que espero para 2011. Afinal, agora só resta o Natal para fechar com chave de ouro um ano com tantos eventos marcantes. Mas, o que me importa nesse momento ainda é a eleição. Independentemente do resultado é fácil imaginar que saímos mais pobres desse processo. Especialmente no que se refere à promoção da cidadania. Infelizmente. Deixamos passar mais uma vez a chance de ver em destaque os temas realmente capazes de colocar o Brasil no século XXI. O Brasil dos marqueteiros que atendem os candidatos, especialmente

aqueles que deixaram recentemente os cargos públicos, é digno de fazer inveja aos escandinavos. Saúde de primeira, educação idem, cidadania plena e tudo a custo zero. Bem, existem os impostos, mas como o próprio nome já indica, eles fazem parte do nosso dia-a-dia, queiramos ou não. Sem a pretensão de ser estraga prazer, gostaria de lançar luzes sobre o Brasil real. Para conhecer esse país basta passear pelo centro comercial de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte ... A cena se repete em maior ou menor grau. Crianças pedindo esmola nos sinais, idosos arrastando carroças cata-bagulho e gente de todas as raças dormindo sob marquises. O Brasil profundo (expressão que muito agrada aos sociólogos) desfila sob nossos narizes e nossa incapacidade de pensar em formas de resgatar socialmente nossos irmãos.

O discurso dúbio de autoridades, a praxis de grupos religiosos que de-

fendem a remediação e a caridade (cobertor no frio, sopa à noite etc. que mantêm esses brasileiros na miséria) como solução, e acima de tudo, a covarde indiferença de outra significativa parcela da população, corroem meu otimismo em relação ao futuro desse país. O Brasil do crediário farto, do carro em 60 meses, do apartamento financiado em 30 anos e da proposta de um 13º para o “Bolsa Família” não passa de um arremedo de ocasião. Será que estamos, mais uma vez, desperdiçando a preciosa chance de usar uma maré favorável, no campo econômico, para fazer o Brasil e sua população avançarem? Em 1929, os Estados Unidos estavam quebrados. Vinte anos depois emergiam como a maior nação do planeta. Posto que ocupam até agora! A bonança americana não se deveu apenas à falência da Europa, engolfada em um conflito bélico. Ela foi construída

com o espírito do empreendedorismo, do fortalecimento das instituições, da valorização e a universalização da educação de qualidade, no qual o governo foi o grande motor. Os EUA lhe parecem um exemplo mandado? Pois bem. Vejamos a Coréia do Sul. Até a década de 1980, a parte sul da península era um local distante e sem qualquer importância. Hoje, a indústria sul-coreana é um dos motores em matéria de inovação. Especialmente no campo da tecnologia.

E o Brasil. Aqui, nos tornamos especialistas em generalidades. Atiramos para todos os lados ao sabor da conveniência do mandatário de planalto. Mandamos um homem ao espaço para fazer experiência com um feijãozinho no algodão. Na volta, ele deu uma banana ao Estado e foi vender colchão. Tentamos liderar o conflito do Oriente Médio, sem antes pacificarmos os territórios dominados no Rio de Janeiro e outras capitais e cidades médias, como Campinas (SP). Buscamos um assento no Conselho de Segurança da ONU no mesmo instante em que as Forças Armadas têm de dispensar o contingente mais cedo, para economizar no "rancho". Tentamos liderar o mundo, sem ao menos conseguirmos formar líderes capazes de pensar o país além das vaidades pessoais e dos projetos fáceis. Qualquer um que tenha emergido das urnas no último pleito, deverá continuar escrevendo capítulos da mesma ópera-bufa estrelada nos últimos 510 anos. Só que, nesse caso, o palhaço continuamos sendo nós. Até quando? ■

*repórter de negócios, membro do Conselho Curador da Faculdade Zumbi dos Palmares e colunista de sustentabilidade da revista *Isto É Dinheiro*.

Foto: Divulgação



Rosenildo Gomes Ferreira.

dia da consciência negra

*Por Maria Fernanda Ramos Coelho**

As lutas históricas que construíram a nação, que afirmaram a identidade e a diversidade da sociedade brasileira, nos aspectos racial e cultural, são lembranças marcadas no calendário nacional. São as reminiscências pedagógicas que trazem do passado os ensinamentos que hoje orientam a nossa ação social e cultural cotidiana e prefiguram o nosso futuro como sociedade plural, democrática e soberana.

O Dia da Consciência Negra está neste contexto. Comemorada pela população afrodescendente, é mais do que uma data para reflexão sobre a contribuição dos povos africanos na formação da cultura nacional: é o símbolo vigoroso da luta pela liberdade e, consequentemente, pela dignidade do povo negro deste país.

Criada a partir da necessidade de celebrar a luta pela libertação, de res-

gatar a consciência da raiz da nossa formação étnica nacional e de afirmar os direitos sociais, a data também contribui para desvelar as barreiras, muitas vezes invisíveis mas absolutamente reais, enfrentadas por negros e negras em todas as multiculturas que formam o território continental do Brasil.

Passados quase 62 anos da promulgação da Declaração de Direitos Humanos, muitos negros e negras do Brasil ainda não experimentaram a igualdade de direitos e oportunidades, prevista no Artigo XXIII do citado documento. Invisíveis frente à indiferença que prefere se esconder por trás de uma suposta democracia racial, a eles ainda é reservado o ranço da escravidão: a subserviência, a humilhação, o descasco.

Por isso o dia selecionado para traduzir a consciência da igualdade

não poderia ser mais apropriado: a data em que foi assassinado Zumbi dos Palmares, líder negro que por anos liderou a luta de milhares de escravos refugiados no Quilombo, principal personagem da resistência contra a escravidão. Homenagem verdadeira, justa e significativa.

É fundamental reconhecer e consagrar que os seres humanos têm direitos inerentes a sua existência, que todos são sujeitos de autonomia e dignidade. É preciso garantir aos cidadãos e cidadãs a efetividade no exercício dos direitos fundamentais, independente de raça, credo, origem ou opinião. Esses são valores plasmados na História da Humanidade, constituem princípios do Estado de Direito e compõem a natureza dos regimes democráticos autênticos, conquistas que não podem ser renunciadas na edificação de uma so-

“É preciso garantir aos cidadãos e cidadãs a efetividade no exercício dos direitos fundamentais, independente de raça, credo, origem ou opinião.”

Maria Fernanda Ramos Coelho

riedade mais livre e justa. Essa constatação está expressa na Constituição Federal de 1988, que estabelece no artigo 5º que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”.

É o respeito às diferenças e o reconhecimento da igualdade de oportunidades que orientam as políticas de gestão de pessoas da CAIXA. A empresa já demonstrava, desde a sua criação, vocação para causas de direitos humanos. O objetivo de seus instituidores era torná-la o “cofre seguro das classes menos favorecidas”, e assim acabou atraindo entre outros públicos, escravos que ali depositavam seus recursos visando à compra da carta de alforria, esta cínica forma adotada pelos senhores para mercantilizar o direito à liberdade.

A empresa cresceu, passou por várias transformações e hoje busca atuar na promoção da cidadania de toda a população. Tendo valores como “Respeito ao ser humano” e “Valorização da diversidade”, entre outros, a CAIXA tem promovido ações que combatem todas as formas de discriminação, que valorizam a diversidade e que universalizam o acesso aos serviços e produtos bancários.

Para isso, um dos caminhos foi o de envolver os empregados na apresentação de soluções capazes de eliminar o preconceito. A CAIXA instaurou a Comissão Nacional para a Igualdade de Raça, cuja principal função é a de propor políticas e ações que promovam a igualdade de oportunidades para os empregados

negros, indígenas e de grupos historicamente excluídos. Para possibilitar a representação dos diversos segmentos da Empresa na Comissão, foram selecionados empregados das cinco regiões do país, considerando também as variáveis de gênero e cargo ocupado.

Além disso, a empresa tem investido na sensibilização e educação dos empregados enviando roteiros e ma-

Com vistas a adequar o registro de raça/cor dos empregados, o qual servirá de base para formulação de políticas internas, bem como para proporcionar aos empregados mais um momento de reflexão e discussão sobre “raça”, a CAIXA conduziu recentemente uma campanha interna de autodeclaração de raça/cor. Todavia, antes do empregado rever a sua autodeclaração foram repassados conteúdos com a finalidade de nivelar o entendimento do que é raça/cor e a descrição de cada uma segundo as definições do IBGE; na sequência desse processo os empregados foram convidados e motivados, por meio de peças publicitárias internas, a ratificar ou retificar sua raça/cor em nosso sistema de registro de pessoas.

Pelas ações que a empresa já promoveu para o combate à discriminação e para a promoção da igualdade de oportunidades a CAIXA já recebeu o prêmio Camélia da Liberdade, oferecido pela instituição CEAP - Centro de Articulação de Populações Marginalizadas, em 2008 e, em 2009, a Medalha do Mérito Cívico Afro-brasileiro promovido pela AFRO-BRAS. O reconhecimento externo, entretanto, não nos dá conforto e nem produz acomodamento. Temos consciência de que precisamos avançar ainda mais para que a Caixa possa responder de uma forma cada vez mais efetiva ao desafio de assegurar que a sua estrutura e ação traduzam o compromisso da Empresa com a justiça e a igualdade. ■

II É o respeito às diferenças e o reconhecimento da igualdade de oportunidades que orientam as políticas de gestão de pessoas da CAIXA. //

teriais para discussão em suas unidades, publicando artigos de opinião, mensagens em extratos bancários e telas de terminais de auto-atendimento em datas alusivas às lutas de grupos historicamente excluídos; criando campanhas publicitárias que homenageiam e valorizam os indígenas e negros; adotando política que estabelece o uso de imagens de pessoas indígenas, pardas e negras em suas peças publicitárias internas, externas e em ações educacionais; promovendo palestras e debates que buscam discutir o racismo institucional; disponibilizando vídeos educativos atinentes a essa temática na TV CAIXA e outros canais (biblioteca e representações regionais de gestão de pessoas); incentivando a contratação de estagiários negros e indígenas que participam do Programa PROUNI.

Aguardando

Novo

Anúncio

Afrobras

Seu Nenê

(1921-2010)



Ícone da elite do Carnaval paulista, Alberto Alves da Silva, o "Seu Nenê", fundador da escola de samba Nenê de Vila Matilde deixou os apreciadores do bom samba e do Carnaval de qualidade, órfãos no dia 4 de outubro de 2010.

Aos 89 anos, Seu Nenê faleceu após 61 anos de dedicação à escola de samba a qual fundou e permaneceu a frente da presidência até 1996.

Seus feitos jamais serão esquecidos, como a realização de ser a Nenê a primeira e única agremiação paulista a desfilar no carnaval Carioca em 1985, quando a escola desfilou com as Campeãs na Marquês de Sapucaí. O lugar do baluarte do samba paulista vai ficar na mente e nos corações de todos. Assim como já dizia o enredo que permitiu o retorno da escola ao grupo de acesso em 2009: "Voei, voei, na Vila apotesei, onde me deram a coroa de rei". ■



NUTRIÇÃO, SAÚDE E BEM-ESTAR.

ESSA É A RECEITA DA NESTLÉ.

Há 89 anos, a Nestlé chegou ao Brasil para fazer parte dos momentos mais gostosos da sua vida, oferecendo sempre produtos voltados para Nutrição, Saúde e Bem-Estar da sua família. Hoje, a Nestlé sente muito orgulho de ter sido tão bem recebida e de estar presente em 98% dos lares brasileiros. Afinal, a gente sabe o quanto um pouco de carinho faz bem.

Nestlé
faz bem





Além da Coca-Cola, que refresca e inspira momentos de felicidade no mundo inteiro, temos achocolatado, águas, néctares, chás, hidrotônicos, isotônicos e energéticos. Algumas das marcas mais familiares aos brasileiros fazem parte dessa fórmula. Mais de 150 produtos no portfólio, que estão por trás de projetos que estimulam uma vida melhor e mais positiva. Nossa preocupação com o bem-estar não nasceu ontem. E não tem prazo de validade. Saiba mais sobre os nossos sabores e valores: www.cocacolabrasil.com.br

BRASIL
Coca-Cola
VIVA POSITIVAMENTE